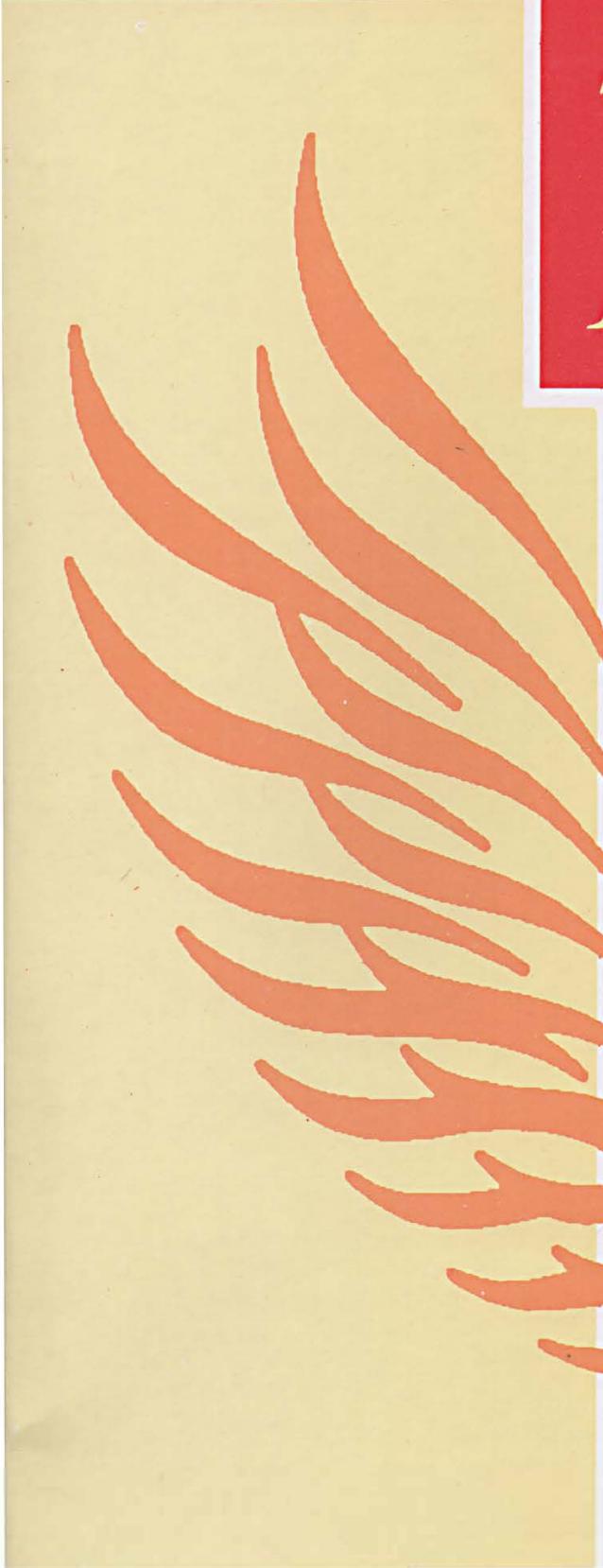




ISSN 1517-5928



Textos sobre Envelhecimento



Educação e
Cidadania

volume 3

nº 5

UnATI/UERJ



Textos sobre Envelhecimento

**Educação e
Cidadania**

n° 5

**Rio de Janeiro
UnATI/UERJ
Ano 3 • Número 5
2001**



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Reitora: Nilcéa Freire
Vice-reitor: Celso Sá
Sub-reitor de Graduação: Isac Vasconcellos
Sub-reitora de Pós-graduação e Pesquisa:
Maria Andréa Rios Loyola
Sub-reitor de Extensão e Cultura:
André Lázaro

Universidade Aberta da Terceira Idade

Direção: Renato Peixoto Veras
Vice-direção: Célia Pereira Caldas
Gerência de Pesquisa: Shirley
Donizete Prado
Gerência de Extensão: Sandra
Rabello de Frias
Gerência de Ensino e Formação de
Recursos Humanos: Alzira Tereza
G. L. Nunes

Editor: Shirley Donizete Prado
Editores Associados: Benigno Sobral
Mabel Imbassahy
Editor Executivo: Conceição Ramos de Abreu
Estagiária: Carolina Silvano
Pesquisa Bibliográfica: Iris Maria
Carvalho dos Santos
Conselho Editorial: Jane Dutra Sayd
Evandro Coutinho
Kenneth Camargo Jr.
Eliane de Abreu Soares
Maria Therezinha Nóbrega da Silva

A Série Textos Sobre Envelhecimento reúne produção científica neste âmbito de conhecimento, tendo como objetivos primordiais subsidiar discussões e contribuir para o aprofundamento das questões atinentes ao envelhecimento. Os trabalhos são de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Assinatura: anual, em qualquer época do ano. Preço R\$ 15,00 para pessoas jurídicas e R\$ 15,00 para pessoas físicas. Números anteriores podem ser fornecidos ao preço de R\$ 5,00 cada exemplar.

Aceita-se permuta.

Toda correspondência sobre produção, distribuição e assinatura deve ser encaminhada ao Editor Executivo através do seguinte endereço:

Universidade do Estado do Rio de Janeiro • Universidade Aberta da Terceira Idade
Gerência de Pesquisa • Centro de Referência e Documentação sobre Envelhecimento
Textos sobre Envelhecimento

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 - 10º andar - bloco F - Pavilhão João Lyra
Filho - Maracanã Rio de Janeiro - RJ • CEP: 20.559 - 900 - Telefones: 587-7236 587-
7672 / 587-7121 - Ramal 35 • Fax: 264-0120

E-mail: crde@uerj.br - Internet: www.unati.uerj.br

Esta é uma Produção do Centro de Referência e Documentação Sobre Envelhecimento, vinculado à Gerência de Pesquisa da UnATI - UERJ

Revisão bibliográfica: Iris Maria Carvalho Braga dos Santos

**CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/PROTAT**

T 355 Textos sobre envelhecimento. - Vol. 1, n. 1 - (nov. 1998)- .-

Rio de Janeiro : UERJ, UnATI, 1998-

v. : il.

Semestral

ISSN 1517-5928

1. Envelhecimento - Aspectos sociais - Periódicos. 2.
Idosos - Cuidados médicos - Periódicos. 3. Idosos - Condições
econômicas - Periódicos. I. Universidade Aberta da Terceira Idade.

CDU 612.67(05)

SUMÁRIO

EDITORIAL	5
Shirley Donizete Prado	
UNIVERSIDADE PARA A TERCEIRA IDADE: UMA LIÇÃO DE CIDADANIA	7
Sára Nigri Goldman	
SERVIÇO SOCIAL E UNIVERSIDADE DE TERCEIRA IDADE: UMA PROPOSTA DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL E CIDADANIA PARA OS IDOSOS	41
Alzira Tereza Garcia Lobato Nunes	
O TRABALHO EDUCATIVO NA TERCEIRA IDADE: UMA INCURSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	67
Benigno Sobral	



EDITORIAL

Sobre a necessidade de aprofundamento dos estudos acerca dos programas para a terceira idade

O envelhecimento da população brasileira tem atraído atenção dos meios acadêmicos em todo o território nacional, especialmente nas duas últimas décadas. Evidência deste fenômeno é, por exemplo, o crescimento do número de dissertações e teses concluídas e em desenvolvimento nos mais diversos campos do conhecimento. O número de novos lançamentos editoriais abordando temáticas relativas à velhice e/ou ao envelhecimento humano corresponde a mais um elemento de confirmação desse movimento no interior de instituições voltadas para a produção de conhecimento. E o surgimento incessante, nesse mesmo período, de programas dirigidos a pessoas idosas nas universidades públicas e privadas, de forma ainda pouco estudada, também compõe este quadro.

Todo esse conjunto suscita um grande número de questões, a maior parte das quais intocadas ou apenas tangenciadas, aguardando futuras explorações de maior fôlego.

Neste número, trazemos ao público interessado nos velhos e no seu viver, três artigos como quem indica caminhos para discussão. Todos tratam de programas dirigidos a idosos, com foco em questões relativas à cidadania e à educação. Ao divulgar trabalhos que abordam projetos educacionais que têm idosos como público-alvo, procuramos dar mais alguns passos no sentido de informar e de colocar seus procedimentos e conteúdos à disposição para a reflexão.

O primeiro artigo é da assistente social Sára Nigri Goldman, nome de expressão nos debates ~~acerca das questões~~ relativas à cidadania do idoso no Brasil. Em seu ~~percurso, derivado de sua tese de~~ doutoramento, busca ~~aproximação às concepções que os idosos trazem~~

acerca da política, à sua participação nos processos eleitorais e ao acompanhamento da atuação dos políticos no cenário nacional, entre outros elementos desse universo temático. A autora considera, em suas reflexões, o potencial da Universidade como espaço privilegiado para o exercício da cidadania.

Nesta mesma linha, Alzira Lobato Nunes, Gerente de Ensino da UnATI-UERJ, após nos oferecer um panorama das atividades educacionais desenvolvidas neste centro ampliado de convivência, encaminhando-nos para o interior dos grupos de discussão onde são discutidas questões referentes à participação social e à cidadania na terceira idade. Essa experiência parece favorecer novas formas de viver a velhice e propiciar oportunidades aos participantes de rever estereótipos e mitos bastante presentes em nossa sociedade. A autora conclui que “os resultados obtidos, até o momento, têm revelado que os idosos que freqüentam essas atividades demonstram interesse em reconstruir sua imagem como cidadãos de terceira idade, lutando pela garantia da implementação de seus direitos sociais”.

O terceiro texto é de autoria de Benigno Sobral, Coordenador de Seminários da UnATI, e foi elaborado a partir de sua dissertação de mestrado. O autor apresenta suas reflexões acerca de aspectos teóricos e metodológicos sobre educação para idosos no interior dos programas universitários voltados para esse grupo populacional.

No número 2 destes Textos sobre Envelhecimento, dedicado a programas para a terceira idade no Brasil, encontramos alguns elementos que, juntamente com os artigos ora publicados, nos conduzem a questionamentos acerca do cotidiano dos idosos nas universidades nos dias de hoje. Questionamentos que ainda necessitam de maior sistematização para que seja possível, de fato, avançar.

Shirley Donizete Prado
Editor

UNIVERSIDADE PARA A TERCEIRA IDADE: UMA LIÇÃO DE CIDADANIA

Sára Nigri Goldman¹

RESUMO

Seriam as universidades para a terceira idade locais para aprender-ensinar lições de cidadania? Foi esta a indagação central que norteou a elaboração do presente artigo. A pesquisa de campo foi realizada na Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e na Universidade da Terceira Idade da Universidade Veiga de Almeida, através de reuniões com os idosos, onde foram aplicados formulários com perguntas abertas e fechadas. Procuramos dar voz aos alunos e garantir, na medida do possível, a autenticidade de suas falas, ora de esperança, ora de desencanto, ora de crítica, ora de adesão aos programas das universidades. Buscamos mostrar a variedade e a riqueza dos depoimentos desses sujeitos que se propuseram a se mostrar e a nos permitir conhecer seus desejos, suas decepções e suas expectativas. Entendemos que através de atividades e programas de extensão, articulados às pesquisas e ao ensino, a universidade pode se constituir em canal privilegiado, não exclusivo, no debate e na ação do resgate da cidadania do idoso, tão ameaçada nessa conjuntura sob o impacto da globalização e que tende a excluir os mais vulneráveis do processo produtivo, entre os quais se situam os idosos.

Palavras-chave: idoso; envelhecimento da população; educação continuada.

1. INTRODUÇÃO

Seriam as universidades para a terceira idade locais para aprender-ensinar lições de cidadania? Foi esta a indagação central que norteou a tese que defendemos em março de 1999². Numa primeira aproximação, sinalizamos que o enfrentamento das dificuldades impostas pelo processo de envelhecimento há que ser viabilizado, prioritariamente, pelo próprio contingente idoso, enquanto cidadão de direitos e de deveres.

Para dar conta da amplitude do tema, o trajeto metodológico que percorremos caminha em direção ao pluralismo. A complexidade dos assuntos nos remeteu à leitura de livros, artigos e textos, que sistematizamos e buscamos apresentar de forma panorâmica, deixando pistas para que os leitores busquem o aprofundamento dos mesmos. A questão teórica que embasa a temática teve como escopo iluminar e aproximar os conhecimentos à investigação empírica através da pesquisa de campo que empre-

endemos em duas universidades destinadas ao contingente idoso, uma pública, a Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UnATI-UERJ), e uma privada, a Universidade da Terceira Idade da Universidade Veiga de Almeida (UTI-UVA), ambas localizadas no município do Rio de Janeiro.

A escolha dessas duas unidades não foi casual. A UnATI-UERJ é a universidade pública mais relevante no que diz respeito ao ensino, à pesquisa e a extensão na área do envelhecimento. No que concerne às particulares, a escolha recaiu na experiência mais antiga, anterior até à universidade pública, e que apresenta uma proposta pedagógica diferenciada.

A pesquisa de campo, realizada entre outubro e dezembro de 1996, abarcou 106 alunos da UERJ e 39 alunos da UVA. Distribuímos previamente os formulários, com questões abertas e fechadas em reuniões com 10 grupos na UERJ e dois na UVA, onde apresentávamos a pesquisa, seus objetivos e solicitávamos a participação dos alunos. Essas reuniões se constituíram, também, uma oportunidade de aproximação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa, além de propiciar debates sobre os temas. Essas dinâmicas de grupo foram incorporadas à pesquisa e, sem dúvida, enriqueceram, com o debate coletivo, o nosso trabalho.

Procuramos dar voz aos alunos e garantir, na medida do possível, a autenticidade de suas falas, ora de esperança, ora de desencanto, ora de crítica, ora de adesão aos programas das universidades. Buscamos, enfim, mostrar a variedade e riqueza dos depoimentos desses sujeitos que se propuseram a se mostrar e a nos permitir conhecer seus desejos, suas decepções e suas expectativas.

Temos assistido à ampliação de estudos sobre envelhecimento nas áreas de saúde, de engenharia genética, nas ciências sociais, na psicologia, na psicanálise, na educação, enfim, em quase todas as áreas do conhecimento. Estereótipos do “velho coitadinho” ou do “velho estigmatizado” ainda percorrem alguns estudos. Mas constroem-se novos estereótipos do “idoso com aparência-comportamento jovem”, do “idoso produtivo”, do “idoso que frequenta grupos de cultura e lazer”. Note-se que já não se fala mais de “velhos”, termo politicamente incorreto para se referir ao ~~ser~~ que envelhece. Trata-se da Terceira Idade como uma nova etapa da ~~vida e es-~~

conde-se o antigo “velho” sob uma nova roupagem. Criam-se, ao nosso entender, novos estereótipos, onde o ser que envelhece é cobrado para se integrar em atividades físicas, em atividades culturais e de lazer, mesmo que seu interesse passe longe disso. Por outro lado, ele parece responsável pelas mazelas e pelas doenças que a velhice pode acarretar. E ele, cidadão de direitos e de deveres, vê sua autodeterminação minada por modelos que teimam em adequá-lo ao sabor da moda.

Entendemos que através de atividades e programas de extensão, articulados às pesquisas e ao ensino, a universidade pode se constituir um canal privilegiado, não exclusivo, no debate e na ação do resgate da cidadania do idoso, tão ameaçada nessa conjuntura sob o impacto da globalização e que tende a excluir os mais vulneráveis do processo produtivo, entre os quais se situam os idosos.

Outro eixo de investigação se refere à questão da cidadania, tão falada, decantada e desgastada, que sua simples menção parece esvaziar-lhe o conteúdo de origem. Nossa dúvida, razão de ser dessa tese, pode ser assim resumida: seriam as universidades destinadas à terceira idade, *locus* de exercício da cidadania do idoso? A experiência acumulada já nos apontava algumas quase certezas: tais universidades eram espaços de sociabilidade e de aquisição e intercâmbio de conhecimentos. Mas até que ponto a questão política permeava os programas? Como era tratada a dimensão política nessas universidades? Como os alunos entendiam a questão política? Como avaliavam a política e os políticos brasileiros? Que importância os alunos atribuíam à dimensão política? Qual o perfil desse alunado? O que buscam nessas universidades? O que mudou em suas vidas com a inserção nas universidades? Seriam diferenciados os programas, as propostas e os projetos da universidade pública e da particular?

Foram essas as principais dúvidas que tentamos responder nessa pesquisa. Mais do que um estudo acadêmico, a tese foi uma exercício de amor, de confiança, de esperança em dias melhores, em sujeitos que possam decidir seus rumos, em velhices que fujam de estereótipos, de subjetividades que sejam respeitadas em suas peculiaridades e singularidades, sujeitos históricos de suas vidas pessoais e sociais.

Teceremos, primeiramente, alguns comentários sobre aspectos relativos ao envelhecimento populacional e, em seguida, à cidadania do idoso; finalmente, apresentaremos os resultados da pesquisa.

2. ENVELHECIMENTO EM QUESTÃO

Buscamos analisar aspectos demográficos da sociedade brasileira, apontando as mudanças em sua pirâmide etária e verificando nos últimos 30 anos uma participação crescente da população idosa. As Tabelas e gráficos do IBGE revelam a tendência ascensional de tal participação nas próximas décadas em nível nacional.

Os dados do Censo Demográfico de 1991 revelam, no Município do Rio de Janeiro, uma participação da população idosa em 11,36%, índice maior do que a média nacional, situada em torno de 7,06%. Denotam também que a problemática da velhice atinge mais o contingente feminino (12,76%) do que o masculino (9,55%) acompanhando, assim, a tendência universal da expectativa de vida mais ampliada entre as mulheres.

O processo de envelhecimento não se resume aos aspectos demográficos. Sua complexidade exige que seja estudado por diversas disciplinas, sob múltiplos ângulos. É um fenômeno que percorre toda a história da humanidade, mas que apresenta características diferenciadas de acordo com a cultura, com o tempo e com o espaço. O tema só emerge como fenômeno social de alta relevância a partir do nosso século, testemunha de maior expectativa de vida e de avanços nas áreas da saúde, do saneamento básico, da tecnologia e da questão ambiental, principalmente nos países do chamado Primeiro Mundo. As condições objetivas de vida da população interferem diretamente sobre o envelhecimento, tanto no aumento quantitativo da expectativa de vida quanto na qualidade oferecida aos que envelhecem através de políticas sociais, principalmente nas áreas da saúde, da previdência e da assistência. Nos países onde se instaurou o Estado de Bem-Estar Social, os idosos contaram, como os demais setores mais frágeis da sociedade, com programas e serviços que lhes garantiam um final de vida amparado, pelo menos do ponto de vista material. Não é, portanto, por acaso que os países da Europa, os Estados Unidos da América e o Japão são os de maior expectativa de vida, além de

apresentarem uma participação expressiva de pessoas com mais de 60 anos nas pirâmides etárias de suas respectivas regiões.

A própria Organização Mundial de Saúde tem parâmetros diferenciados para o início do processo de envelhecimento. Entende, desde 1982, que nos países mais ricos o patamar começa aos 65 anos enquanto que nos países subdesenvolvidos (ou em desenvolvimento para os mais otimistas) se inicia aos 60 anos.

O envelhecimento, portanto, mesmo se referindo a uma faixa etária determinada, tem suas especificidades marcadas pela posição de classe social, pela cultura e pelas condições socioeconômicas e sanitárias individuais e/ou coletivas da região.

A partir da bibliografia lida e de nossas próprias concepções, entendemos o envelhecimento como um processo que ocorre em cada pessoa, individualmente, mas condicionado a fatores sociais, culturais e históricos, que vão rebater na sociedade como um todo, envolvendo os idosos e as várias gerações. Por seu caráter multifacetado, o envelhecimento abarca múltiplas abordagens: físicas, emocionais, sociais, econômicas, políticas, ideológicas, culturais, históricas, dentre outras. A conjuntura marca as diversas formas de viver e de conhecer o envelhecimento, assim como as determinações culturais tomam formas diferenciadas no tempo e no espaço. Outro diferencial se refere à posição de classe social que os indivíduos ocupam. Pessoas que vivem em locais com saneamento adequado, em residências limpas, alimentação balanceada, serviços de saúde eficientes, rede de transporte coletivo que atende às demandas da população, rede de ensino competente em todos os graus, têm melhores condições de viver e envelhecer bem do que aquelas excluídas dos serviços citados. A pobreza é mais dolorosa entre os idosos, pois faltam-lhes as mínimas condições de sobrevivência. Um dado revelador dessa situação se refere aos aposentados e pensionistas do INSS, em que 70% recebem um salário mínimo por mês.

Num país como o nosso, com um vasto contingente de pobres de todas as idades, com uma política de saúde caótica, com benefícios previdenciários ínfimos, com a assistência social praticamente inerte e com um forte preconceito com os idosos, não é difícil presumir as dificuldades que os velhos, principalmente os mais pobres, vivenciam.

Mas o preconceito, a rejeição dos familiares, a incompreensão não se referem somente aos pobres. Não estamos querendo colocar os idosos como vítimas inocentes de um complô social. Entendemos os idosos como sujeitos históricos e, como tal, criadores e criaturas da sociedade da qual fazem parte. E, enquanto vivem, continuam a aprender permanentemente, repassando o que sabem para a sua e para as demais gerações. A função social e política dos velhos há que ser conquistada no cotidiano, construída e, sempre em processo de dinamismo, compatível com a sociedade.

Entendemos o tempo não só como cronologia, mas como vivência, aprendizagem e luta. Compartilhamos o ideário de Joel Martins, quando alega que somos Kairós, uma dimensão em que a existência não se mede por dias, mas pela qualidade que imprimimos à nossa vida.

Se a dimensão política é importante nas faixas etárias mais jovens, é crucial na vida dos mais velhos, cuja participação no setor produtivo costuma ser reduzida ou nula. O desencantamento com a política ficou patenteado na pesquisa que empreendemos. Muitos desistem de lutar e isso é altamente prejudicial, pois o espaço de poder não fica vago. Se os idosos não ocuparem seu espaço político, certamente outros o ocuparão, com graves repercussões para os direitos sociais tão duramente conquistados pelos idosos na Constituição de 1988 e na luta vitoriosa pelos 147%.

Entendemos ser a universidade um dos espaços de sociabilidade, de aquisição de conhecimentos e de participação política dos idosos, mobilizando as demais gerações para uma luta não exclusiva desse segmento.

3. DEBATENDO A CIDADANIA DOS IDOSOS

Cidadania e políticas sociais

Falar em cidadania hoje, no Brasil, é quase repetir o lugar comum desgastado, tanto no interior da academia quanto no discurso político. As plataformas de todos os partidos políticos, de todas as chapas de órgãos representativos de classe, os programas de entidades públicas e privadas citam o resgate da cidadania como meta. A cidadania passou a ser uma palavra mágica, a solução de todos os

problemas e, em assim sendo, seu significado se esvazia, precisando, por isso, circunscrevê-lo e re-significá-lo.

Todos os estudiosos da cidadania convergem num ponto: ela só existe como exercício, como ação de seus atores. É nesse sentido que buscaremos analisar o seu quadro teórico e, a seguir, as políticas sociais voltadas para os idosos.

No Brasil o debate sobre a questão da cidadania, antes restrito aos centros acadêmicos, transborda, nos últimos anos, para a sociedade não só como apropriação do conhecimento mas, principalmente, como possibilidade de exercício na prática social cotidiana. Entretanto, o tema da cidadania no Brasil contemporâneo é delicado. Abre em várias direções e é sempre difícil selecionar um elemento a partir do qual circunscrevê-lo. Com relação à cidadania é preciso frisar que a teoria de T. H. Marshall constitui o incessante manancial ao qual forçosamente se tem que recorrer ao abordar a questão.

Foi Marshall, no clássico *Cidadania, Classe Social e Status*, quem analisou as diferentes e intrincadas relações que se estabelecem, historicamente, entre as concepções de classes sociais e cidadania. Seu ponto de partida é o contexto social, econômico e político da Inglaterra no período compreendido entre o século XVIII e o século XX, período em que se consolidam e se aprofundam as disfunções e contradições entre as classes sociais e a cidadania.

Para Marshall, a noção de classe social expressa desigualdade e diferenciação enquanto a de cidadania afirma, ao contrário, uma igualdade básica entre as pessoas que decorre da participação plena dos indivíduos na comunidade nacional. A noção de cidadania, numa sociedade polarizada em classes sociais, é, pois, contraditória em sua própria origem cabendo a questão: é possível o usufruto da cidadania plena numa sociedade capitalista?

Marshall traça o conceito de cidadania a partir do conjunto de direitos: os direitos civis, os direitos políticos e os direitos sociais que surgem na Inglaterra em períodos históricos diferenciados.

Buscamos traçar, neste capítulo, o debate empreendido por intelectuais brasileiros como Carlos Nelson Coutinho, Luiz Werneck Vianna, Eraldo

Vieira, Wanderley Guilherme dos Santos e Marcos Coimbra, dentre outros. A interlocução dos referidos intelectuais com Marshall demarca mais diferenças e divergências do que aproximações no que concerne à teoria marshalliana de cidadania. Por outro lado, a importância das políticas sociais atravessa todo esse debate e se mostra uma face visível do exercício da cidadania.

Podemos inferir ser fundamental que os sujeitos históricos, individuais e coletivos se incorporem ao processo de garantia do usufruto das políticas sociais, lembrando que tal processo se manifesta de forma contraditória na correlação de forças através da qual o capitalismo busca resistir, embora seja obrigado a recuar e a fazer concessões à classe trabalhadora. É nesse embate permanente que a organização da sociedade civil em movimentos sociais pode ser um instrumento de luta política para a garantia dos direitos conquistados e para consecução de novos direitos.

Cidadania e democracia

Articular o exercício pleno da cidadania ao regime democrático tem sido uma tônica do pensamento político contemporâneo. Procuraremos sintetizar o pensamento de intelectuais contemporâneos estrangeiros como A. Touraine, J. Habermas, N. Bobbio, Boaventura Santos, e de brasileiros como Evaldo Vieira, Carlos Néelson Coutinho, Leandro Konder, dentre outros, que articulam esses conceitos e têm marcado o pensamento político do ocidente.

Para Touraine, a condição fundamental para a democracia é que os governados escolham seus governantes, que se sintam cidadãos, o que pressupõe um nível de consciência de pertencer à sociedade política do país. Touraine adverte faltar fundamento para o exercício da cidadania em sociedades que excluem minorias étnicas, nas que estão fragmentadas e se mostram hostis em relação aos diferentes grupos e em nações, como o Brasil, em que as desigualdades sociais são tão acentuadas que não permitem o sentimento de um bem comum.

Interessante e inovadora a forma que Bobbio adota ao categorizar os direitos em quatro gerações: os de primeira geração seriam os direitos

civis e políticos; os de segunda geração seriam os direitos sociais; os de terceira geração, ainda pouco sistematizados, onde se podem incluir os movimentos ecológicos que pleiteiam viver num ambiente não poluído. Quanto aos direitos de quarta geração, o autor refere-se aos efeitos cada vez mais polêmicos da pesquisa biológica, que permite manipulações no patrimônio genético dos indivíduos. Bobbio adverte-nos das possibilidades e dos limites do controle dos poderes constituídos em relação aos direitos de terceira e quarta gerações, que tanto propiciam benefícios quanto malefícios que esses poderes podem representar.

Randolph Lucas (1985) entende que a democracia perfeita pressupõe o êxito em se chegar a um acordo, que pode ser total, ideal ou pragmático. Se não for possível um acordo, que se tente um compromisso ou, em última instância, uma barganha. E partindo deste consenso coletivo são tomadas as decisões que serão aplicadas a todos, indistintamente, mesmo que algumas pessoas desaprovem. Lucas adverte que muitas pessoas se mostram decepcionadas com a democracia, que, ao contrário do que se imaginava, não tem distribuído benefícios.

Santos (1996) analisa criticamente os teóricos da cidadania e, numa obra já clássica, intitulada *Pela Mão de Alice*, pretende analisar a transição entre os paradigmas societais. A originalidade de suas teses e a análise profunda que realiza da conjuntura internacional e, mais especificamente, da portuguesa, aponta as prospeções para uma nova teoria da democracia e da emancipação social.

As convergências e divergências apontadas por Santos ao se referir à cidadania e subjetividade também ocorrem nas diferenças etárias e nas relações intergeracionais, que se inter cruzam com as variáveis de classe social, raça e sexo. Assim, concordamos com a análise do autor de que a pretensa igualdade da cidadania não se coaduna com a diferença da subjetividade, embora reconheça ser fundamental a idéia de cidadania para a realização dos sujeitos individuais e coletivos.

Já Habermas (1984) caminha em outra direção. Sua análise é polarizada pelo esgotamento do mundo do trabalho e pela busca de novos paradigmas. Ele traduz o estágio atual de desenvolvimento das sociedades capitalistas que, agora, encontra um ponto limite para sua expansão em

virtude da Terceira Revolução Industrial³ marcada pela substituição da força de trabalho pelas tecnologias de produção avançadas na indústria e pelo deslocamento da área mais dinâmica e absorvedora de mão de obra do setor secundário para o terciário. Disto decorre que o nível de investimentos na produção decresce gradualmente, enquanto a taxa de desemprego apresenta uma escalada surpreendente.

O debate sobre estado democrático no Brasil tem em Vieira (1992) um foco interessante. Para ele os modelos de governo e de Estado são múltiplos, configurando-se não numa democracia, mas em democracias. Ele adverte sobre os riscos de uma participação meramente formal em que a população teria um simulacro de participação. No caso brasileiro, denuncia, vive-se sob o signo da antropofagia, apoiando sua idéia em Oswald de Andrade.

Coutinho (1993) observa, com razão, que nas sociedades onde predominam regimes liberais de participação restrita, o Estado é, praticamente, o único sujeito político. Quando ocorre a socialização da política, amplia-se a participação dos sujeitos coletivos e suas complexas redes de poder. Coutinho revela o caráter inclusivo da cidadania e a sua condição de processo, construído socialmente dentro das condições históricas determinadas. A possibilidade do exercício de uma cidadania plena se esvai numa sociedade de classes e marcada pela desigualdade, como o caso do modelo capitalista, na medida em que a ampliação da participação da população no processo político colide com a lógica do capital.

Leandro Konder (1980) acentua o caráter controvertido do conceito de democracia, mas procura cotejar a prática da democracia às armadilhas engendradas pelo liberalismo. Mesmo datado de 1980, o texto de Konder nos parece muito coerente com o modelo neoliberal com que convivemos na sociedade brasileira nesse fim de milênio. A hegemonia do mercado sob o impacto da globalização põe em xeque o exercício da democracia, não criando as condições objetivas para tornar possível a liberdade e a igualdade, elementos fundantes de qualquer ação democrática.

4. Debatendo a extensão

Se visto sem o necessário cuidado e rigor, a extensão **pode** ser considerada mesmo como um esforço de “colonização”, de **imposição** de



um grupo de informações, de forma de doutrinação, de socialização. Mas, repensando a extensão, pode-se partir do próprio significado mais comum do termo, que transmite uma idéia de ampliação, alargamento, desenvolvimento, o que lembra não a execução de uma atividade isolada, mas uma presença em que a totalidade da universidade se reproduz. E a extensão, sob tal perspectiva, não é mais um simples ensino com características peculiares, nem uma mera prestação de serviços. Ela pode, inclusive, apontar para um novo conceito de sala de aula onde a formação de um novo profissional se efetua não pela simples transmissão de conhecimentos, com o conseqüente domínio de técnicas por ele alcançado, mas pelo confronto e questionamento de um saber armazenado pela universidade e testado na realidade enquanto se procura a sua transformação. A universidade não forma um simples profissional, mas um profissional crítico que é co-participante da geração/desenvolvimento do próprio conhecimento que lhe vai ser imprescindível ao exercício da sua profissão. Não transmite técnicas - desenvolve tecnologia. Por outro lado, a universidade não impõe o seu saber, mas testa o conhecimento que gera à medida que abre um diálogo rigoroso e crítico com os beneficiários de sua ação. É uma prática que aponta para novas concepções de sala de aula em que o professor, o aluno regular e o "beneficiário" da ação desenvolvida são co-responsáveis pela geração do conhecimento adequado para a realidade onde se desenvolve.

Repensar a extensão é repensar a própria universidade. Para isto, torna-se necessário superar a inércia natural de uma tradição que, se por um lado se torna anacrônica face às novas exigências da sociedade, por outro é freqüentemente desvirtuada por interesses mais imediatistas e às vezes questionáveis das políticas estabelecidas para o ensino superior no país. Deve ser superada a fase da formação de técnicos de nível superior exclusivamente voltada para o mercado de trabalho. Deve superar, também, a formação domesticadora das elites para a nação.

A universidade brasileira apresenta um quadro desolador. Anísio Teixeira, um dos principais estudiosos da educação nacional, em depoimento prestado à Câmara Federal, em 1968, fez uma incisiva crítica ao nosso ensino superior, considerando-o, ao longo de sua história, distanciado dos problemas reais do país, vinculado à formação da elite econômica.

desordenando na sua expansão, caracterizado pela tradição de escolas isoladas e profissionais, além de atrelados a uma burocracia estranguladora (Pereira da Silva, 1985). A esta problemática, pode-se acrescentar ainda o espectro de uma privatização crescente, com todas as suas conseqüências acadêmicas e sociais.

A universidade brasileira é herdeira de um passado colonialista e de um presente neocolonialista que impedem o seu desenvolvimento de forma autônoma e coerente com os problemas do país. Isto explica, em parte, as contradições das políticas de extensão e o conseqüente descaso por uma programação extensionista na mesma intensidade com que se cuida do ensino e até da pesquisa, que nos últimos anos teve um impulso inegável com a dinamização dos cursos de pós-graduação. Mas, como adequar a função da extensão numa universidade que sempre caminhou distante da sociedade e de seu povo? O resgate da história, a contextualização desta problemática e a avaliação das atividades concretas de extensão realizadas em cada unidade universitária pode significar, se não a viabilidade de algo novo, no mínimo o esforço por avançar neste sentido.

5. A Pesquisa

Na tese original, este item corresponde a um capítulo dividido em blocos: o primeiro traça a metodologia que norteou a pesquisa; o segundo qualifica o universo da pesquisa tendo por base a entrevista com o coordenador da UnATI-UERJ; o terceiro aborda a UTI-UVA, seguindo o mesmo roteiro da entrevista com o coordenador da universidade pública; o quarto bloco apresenta a pesquisa de campo com os alunos e subdivide-se em: perfil do alunado, a inserção dos alunos nas universidades para a terceira idade e a dimensão política dos alunos idosos. O quinto bloco retrata os principais resultados das dinâmicas de grupo que realizamos com os alunos de ambas as unidades.

Centralizaremos, no presente texto, o trabalho de campo, no que concerne ao perfil do alunado, destacando a dimensão política apreendida pelos alunos dos dois estratos investigados

Sexo dos alunos

O perfil do alunado revela uma maioria esmagadora de mulheres, fato que ocorre, também, nos espaços de convivência. A Tabela a seguir registra o que verificamos.

TABELA 1
SEXO DOS ENTREVISTADOS

Sexo	UnATI-UERJ %	UTI-UVA %
Masculino	15,00	5,00
Feminino	85,00	95,00

Estado civil dos alunos

O que parece mais significativo, no que tange ao estado civil dos alunos entrevistados, é o alto índice de sem cônjuge, principalmente na universidade privada, que aponta para pouco mais de 30% de entrevistados casados, enquanto na pública o índice ultrapassa os 37%. Em contrapartida, o índice de viúvos é maior na UERJ do que na UVA. Seria mais adequado dizermos viúvas, pois da totalidade do universo pesquisado só encontramos um viúvo na UERJ.

TABELA 2
ESTADO CIVIL DOS ENTREVISTADOS

Estado civil	UnATI-UERJ %	UTI-UVA %
Solteiro	8,49	17,95
Casado	37,73	20,51
Viúvo	45,28	30,77
Divorciado	4,72	12,82
Desquitado	1,89	10,26
Separado	-	2,56
Sem resposta	1,89	5,13

Faixa etária dos alunos

O fator idade apresenta-se bastante diferenciado nos dois blocos pesquisados. A UTI-UVA admite alunos a partir de 50 anos, com um índice bastante expressivo, que corresponde à terça parte dos alunos entrevistados. Na UERJ a idade inicial é de 60 anos, apresentando na faixa 60-69 anos o índice mais representativo, que corresponde a mais da metade dos entrevistados. Essa mesma faixa foi a de maior prevalência na UVA com pouco mais de 40%.

TABELA 3
IDADE DOS ENTREVISTADOS

Faixa etária	UnATI-UERJ %	UTI-UVA %
50-59 anos	-	33,33
60-69 anos	56,60	41,02
70-79 anos	34,91	12,82
80 anos e mais	3,77	5,13
Sem resposta	4,72	7,70

Escolaridade dos alunos

Utilizamos o padrão de escolaridade conhecido pelos idosos, que não corresponde ao atual. Percebe-se uma diferenciação nos níveis mais baixos - primário incompleto, primário completo, secundário incompleto e secundário completo, etapas do atual primeiro grau - somando um pouco mais de 20% na UVA, enquanto na UERJ ultrapassa os 45%. Outro grande diferencial aparece no superior completo, com o índice muito maior para a UVA.

TABELA 4
ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS

Escolaridade	UnATI-UERJ %	UTI-UVA %
Primário incompleto	4,72	-
Primário completo	16,98	2,56
Secundário incompleto	2,83	-
Secundário completo	20,76	17,95
Colegial incompleto	6,60	2,56
Colegial completo	22,64	23,08
Superior incompleto	1,89	2,56
Superior completo	15,09	33,33
Sem resposta	8,49	15,39

O padrão de escolaridade na universidade pública se aproxima do quadro escolar das camadas médias baixas da população idosa, enquanto na universidade privada se aproxima mais dos padrões das camadas médias altas, o que o padrão de renda vai confirmar.

Renda familiar dos alunos

Essa variável denota uma diferença relevante entre os dois grupos entrevistados. Enquanto na UERJ as faixas de renda até 6 salários mínimos somam mais de 35%, na UVA não alcançam 8%. Nas faixas intermediárias situadas entre 6 e 10 salários mínimos há uma ligeira predominância para a UERJ, com quase 20% contra pouco mais de 10% na UVA. Nas faixas mais altas de renda, a partir de 10 salários mínimos e mais, há uma forte incidência na universidade privada, totalizando mais de 55%, sendo quase 50% nas faixas acima de 15 salários mínimos. Na UERJ foram registrados quase 25%. O alto índice de entrevistados que não responderam ao quesito pode ter mascarado a situação de renda e demonstra, ao mesmo tempo,

uma necessidade de garantir privacidade, mesmo em se tratando de questionários que preservavam o anonimato.

TABELA 5
RENDA FAMILIAR DOS ENTREVISTADOS - EM SALÁRIOS MÍNIMOS (SM)

Renda familiar	UnATI-UERJ %	UTI-UVA %
Até 2 SM	15,09	-
Entre 2 e 4 SM	11,32	2,56
Entre 4 e 6 SM	9,43	2,56
Entre 6 e 8 SM	12,27	2,56
Entre 8 e 10 SM	7,55	7,69
Entre 10 e 15 SM	11,32	7,69
Mais de 15 SM	13,21	48,72
Sem resposta	19,81	28,21

Local de moradia dos alunos idosos

A UnATI-UERJ fica localizada no bairro do Maracanã e a UTI-UVA no bairro da Tijuca, ambas na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, o que explica a maior incidência de alunos dessa área. Na zona suburbana ocorreu uma incidência significativa na UERJ com um terço dos entrevistados, enquanto na UVA o índice atingiu pouco menos que 13%. Outra diferença relevante se refere à zona sul, considerada a de melhor renda do Município do Rio de Janeiro, que apresentou uma incidência baixa na UERJ, inferior a 4%, enquanto na UVA o índice atinge quase 18%.

TABELA 6
LOCAL DE MORADIA DOS ENTREVISTADOS

Moradia	UnATI-UERJ %	UTI-UVA %
Zona Norte	43,40	48,72
Subúrbios, Central	27,36	7,69
Subúrbios, Leopoldina	5,66	5,13
Zona Oeste	4,72	2,56
Zona Sul	3,77	17,95
Zona Centro	3,77	-
Outros municípios	1,89	2,56
Sem resposta	9,43	15,39

Com quem moram os idosos

Quase a metade dos entrevistados na UVA e pouco mais de um quarto dos alunos da UERJ vivem sós, o que tanto pode significar autonomia quanto única (e última) alternativa de sobrevivência. Convivendo somente com o cônjuge, encontramos pouco mais de 22% na UERJ e 10% da UVA, e com o cônjuge filhos e/ou netos cerca de 7% da UERJ e 5% da UVA.

TABELA 7
COM QUEM MORAM OS ENTREVISTADOS

Com quem mora	UnATI-UERJ %	UTI-UVA %
Só	26,42	48,72
Com cônjuge	22,64	10,26
Cônjuge, filhos/netos	7,55	5,13
Filhos e/ou netos	32,07	25,64
Demais parentes	1,89	2,56
Instituições	1,89	-
Amigos	0,94	-
Sem resposta	6,60	7,69

Ocupação dos alunos

Definimos ocupação como sendo a atividade principal que os alunos investigados exerciam. O item foi deixado em aberto para que os próprios alunos escolhessem livremente sua opção de ocupação. A Tabela e o gráfico a seguir mostram os quatro principais blocos de ocupação com que os alunos se identificam. As diferenças entre os dois segmentos analisados são muito pouco relevantes. Consideramos interessante que um grupo, embora minoritário, se classificasse como primordialmente estudante, valorizando sobremaneira essa categoria, embora estudante seja a totalidade dos participantes da pesquisa.

TABELA 8
OCUPAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Ocupação	UnATI-UERJ	UTI-UVA
Aposentado	47,17	46,15
Do lar	28,30	25,64
Estudante	9,43	10,26
Trabalhando	13,21	12,82
Sem resposta	1,89	5,13

Razões da busca da universidade para a terceira idade

Sociabilidade: agrupamos as respostas relativas a integração, participação, ocupação do tempo livre; lazer, distração, entretenimento; buscar atividades culturais; por indicação de colegas; crescer como pessoa; sentia-se vazio com aposentadoria; fugir das obrigações familiares e fazer algo gratificante. A UnATI-UERJ somou 57,73% nesse eixo, enquanto a UTI-UVA atingiu 85,63%. A sociabilidade entre os alunos foi o índice mais expressivo das respostas, o que vem confirmar as universidades como

espaço de convivência, de integração e de participação social desta faixa etária, até mais do que adquirir conhecimentos. Este dado ficou muito mais evidenciado na universidade privada, onde as turmas acompanham os programas. Na pública, onde a escolha dos cursos é livre e cada qual escolhe seus cursos, a sociabilidade foi relevante, mas com incidência menor do que na UVA.

Educação: agregamos a esse eixo respostas como adquirir e/ou atualizar conhecimentos; buscar novos horizontes, acompanhar a vida, curiosidade, preparar-se para envelhecer e sempre sonhou em cursar universidade. A UnATI-UERJ apresentou 48,11% de respostas nesse eixo, enquanto a UTI-UVA apresentou 38,46%. Bastante expressivo, o índice total da educação não foi o mais lembrado, o que seria de se esperar de uma unidade de ensino.

No eixo afetividade, contemplamos as respostas: procurar novas amizades; fugir da solidão/depressão; busca de companhia e professores tratam com amor. A UERJ somou 44,34% e a UVA 35,89%, índices bastante expressivos e que muito se aproximam do quesito educação. É importante lembrar que a proporção entre as duas unidades pesquisadas acompanhou os resultados do eixo anterior, mesmo com números um pouco inferiores.

Saúde: a história da UnATI-UERJ sempre esteve ligada à questão da saúde. Talvez por isso e por contar com docentes médicos e a própria UERJ oferecer serviços na área da saúde, não só no Hospital Pedro Ernesto mas também no PAM São Francisco Xavier e na própria UnATI, somente alunos desta Unidade entenderam ter buscado a universidade em busca de saúde. 24,52% enquadraram suas respostas neste indicador. Consideramos pertinentes a esse item as respostas: melhorar a saúde; por indicação médica, para exercitar o corpo e a mente; para relaxar; para buscar atividade sadia e para se sentir viva.

Política: mesmo pouco significativa, a busca por um espaço político ficou evidenciado nas respostas: para conhecer os direitos sociais na UERJ, com 0,94% e para participar de movimentos de idosos com 2,56% da UVA. O descrédito demonstrado pelos alunos em relação à questão política será apontado mais adiante.

Mudanças ocorridas com a inserção na universidade

A Tabela 9 mostra uma distribuição muito parecida nas duas unidades. Há um equilíbrio entre os dois estratos em relação às mudanças que percebem ou não. As mudanças verificadas com mais intensidade referem-se àquelas de caráter pessoal. O resgate da auto-estima, a descoberta de novos espaços e de novas possibilidades de aprender, de conviver, de diminuir a solidão foram recorrentes em diversas falas. O fato de estarem participando de uma experiência universitária parece, aos alunos, um dos pontos de destaque em seus cotidianos. Outra marca recorrente em diversas falas refere-se ao orgulho de se perceberem capazes de mudar, de ultrapassar desafios. E nessa empreitada, os colegas, os vizinhos, os amigos são lembrados como uma segunda opção.

TABELA 9
MUDANÇAS INDICADAS PELOS ENTREVISTADOS A PARTIR DA INSERÇÃO NA UNIVERSIDADE (RESPOSTAS MÚLTIPLAS)

Mudanças	UnATI-UERJ %	UTI-UVA %
Consigo próprio	41,51	64,10
Com outras pessoas	19,81	17,95
Com família	14,15	15,38
Mudança geral	13,21	12,82
Com outras gerações	6,60	5,13
Poucas Mudanças	3,77	2,56
Sem mudanças	4,72	2,56
Sem resposta	12,26	7,70

Tipo de participação na comunidade

A Tabela 10 aponta para um padrão de participação diferenciado nas duas universidades em termos de ausência de participação, com índices mais expressivos na universidade privada do que na pública. Outra diferença importante refere-se à diversidade nas opções de participação, muito maior na UnATI-UERJ do que na UTI-UVA, talvez pelo número maior de entrevistados na primeira.

A relevância das atividades religiosas e filantrópicas fica evidenciada em patamares muito próximos nas duas unidades. A participação em atividades de cultura e lazer também denota outra tendência que os programas de universidades destinadas aos idosos procuram contemplar.

TABELA 10
TIPO DE PARTICIPAÇÃO NA COMUNIDADE INDICADA PELOS
ENTREVISTADOS (RESPOSTAS MÚLTIPLAS)

Tipo de participação	UnATI-UERJ %	UTI-UVA %
Atividades religiosas	33,13	23,07
Atividades filantrópicas	23,58	23,07
Atividades de lazer	14,15	17,95
Atividades culturais	11,32	7,69
Outros grupos	9,43	-
Apresenta eventos na comunidade	8,49	-
Outras ¹	12,26	7,69
Nenhuma participação	20,75	35,90
Sem resposta	14,15	10,25

Para você, o que é política?

Agrupamos como concepções técnicas aquelas em que há um tentativa de explicar a política como a ciência do poder ou como ação e participação na esfera da vida social. É interessante registrar que a universidade particular, com uma população de maior escolaridade, apresentou índice expressivo de mais de 40% nesse quesito, o de maior incidência dentre todos. Quanto à UERJ, apresentou os mesmos índices de concepções técnicas e negativas, com mais de 30% de respostas em cada item.

Entendemos como concepções negativas aquelas em que são emitidas opiniões que desqualificam os políticos e a política. As opiniões refletem o estado de desapontamento, de decepção e de indignação. Os alunos da UTI-UVA revelaram-se menos indignados, pelo menos no presente item.

TABELA 11
CONCEPÇÕES SOBRE POLÍTICA ENTRE OS ENTREVISTADOS

Concepções sobre política	UnATI-UERJ %	UTI-UVA %
Técnicas	32,08	41,02
Negativas	32,08	28,20
Não souberam responder	4,71	-
Não gostam/ não entendem	9,43	7,70
Sem resposta	21,70	23,08

Interesse por política

A Tabela 12 mostra com clareza o desinteresse dos alunos idosos em relação à política. Revelam, também, um padrão de interesse muito próximo entre as duas unidades investigadas. Segundo depoimento do Professor Doutor Jairo Nicolau⁴, a maioria da população brasileira demonstra pouco interesse pela política. Em termos etários, os idosos, ao menos nos países de Primeiro Mundo, demonstram um interesse maior pela política, resultado da disponibilidade de tempo e da experiência acumulada no decorrer da vida. No Brasil, os estudos relacionados às faixas etárias e interesse político ainda são insuficientes para se chegar a uma conclusão confiável. Na pesquisa de opinião *Jornal do Brasil/Universidade Federal Fluminense*, realizada em março de 1998 sobre intenções de voto para eleições de Presidente da República e Governador do Estado do Rio de Janeiro, o voto dos mais velhos (60 anos e mais) pouco difere em relação aos demais, no que concerne ao voto nulo, em branco e evasão.

TABELA 12

INTERESSE POR POLÍTICA DEMONSTRADO PELOS ENTREVISTADOS

Interesse por política	UnATI-UERJ %	UTI-UVA %
Sim	28,30	33,33
Não	68,87	58,97
Sem resposta	2,83	7,69

Votou nas últimas eleições?

Cabe registrar que todos os que deixaram de votar, tanto na UnATI-UERJ quanto na UTI-UVA, têm mais de 70 anos e estão, portanto, desobrigados do exercício do voto.

Se levarmos em conta que 38,68% dos alunos da UnATI-UERJ declararam idade com 70 anos e mais e só 6,6% deixaram de votar, podemos concluir que mais de 32%, quase um terço da população investigada da UERJ, exercem por livre e espontânea vontade o voto e entendem necessária sua participação na vida política.

Na UTI-UVA o panorama é diferente: dos 17,95% de alunos com 70 anos e mais, 10,26%, portanto a maioria, opta por não votar, o que pode ser indicador de descrédito com a política e com os políticos brasileiros.

TABELA 13
PARTICIPAÇÃO DOS ENTREVISTADOS NAS ÚLTIMAS ELEIÇÕES

Votou nas últimas eleições?	UnATI-UERJ %	UTI-UVA %
Sim	90,57	87,18
Não	6,60	10,26
Sem resposta	2,83	2,56

Lembra em quem votou nas últimas eleições?

A Tabela 14 confirma o que já esperávamos: os cargos executivos são mais lembrados do que os legislativos. No estudo comparativo entre as duas universidades fica clara a lembrança mais nítida dos alunos da UERJ em quase todos os casos, exceto para presidente, talvez porque a pesquisa tenha sido feita logo após as eleições municipais, o que não ocorreu na UTI-UVA, onde pouco mais da metade da amostra foi sondada antes do primeiro turno das eleições.

TABELA 14
VOTO NAS ÚLTIMAS ELEIÇÕES POR PARTE DOS ENTREVISTADOS

Lembra em quem votou?	UnATI-UERJ-Sim %	UTI-UVA -Sim %
Presidente	93,57	97,05
Governador	90,62	82,35
Prefeito	92,71	82,35
Senador	67,71	52,95
Deputado federal	68,75	50,00
Deputado estadual	62,50	50,00
Vereador	63,54	38,24

Acompanha a vida dos políticos em que votou?

Os dados revelam um padrão de acompanhamento à vida dos políticos de maior relevância na universidade pública do que o da universidade particular, confirmando, assim, a tendência de um envolvimento mais significativo dos alunos da UnATI-UERJ no trato das questões políticas.

Se cruzarmos as informações com a variável sexo, poderemos verificar que os homens são, proporcionalmente, mais vigilantes no acompanhamento dos rumos políticos do que as mulheres. O contingente masculino, mesmo minoritário, tem maior representatividade na UERJ (15%, aproximadamente) do que na UVA (5% do total), o que pode ter refletido no resultado final desse item.

TABELA 15

ACOMPANHAMENTO DA VIDA DOS POLÍTICOS POR PARTE DOS ENTREVISTADOS

Acompanha?	UnATI-UERJ %	UTI-UVA %
Sim	52,09	33,33
Não	39,58	51,29
Sem resposta	8,33	15,38

Avaliação que fazem dos políticos

No estudo comparativo, podemos detectar um grau de insatisfação maior na universidade particular do que na pública, o que pode ser credenciado, como hipótese, ao maior nível de escolaridade dos alunos da primeira, o que pode favorecer o exercício de crítica. Outro fator que pode ter influenciado é o nível de renda maior dentre os alunos da UTI-UVA, a maioria pertencente às camadas médias, as mais afetadas na vigência do Governo Fernando Henrique Cardoso.

TABELA 16
AValiação que os entrevistados fazem dos políticos

Resposta	UnATI-UERJ %	UTI-UVA %
Favorável	5,66	7,69
Relativa	6,6	7,69
Desfavorável	55,66	61,54
Não sabem	7,55	10,26
Sem resposta	24,53	12,82

A importância da política para a vida dos idosos

Essa questão foi mal interpretada por muitos dos alunos envolvidos na pesquisa. A pergunta formulada foi: A política é importante para os idosos? Muitos interpretaram: Os idosos são importantes para os políticos? Esse equívoco marcou diversos depoimentos e, em nossa opinião, pode ser interpretado, consciente ou inconscientemente, como o distanciamento dos alunos enquanto sujeitos da ação política, dando voz aos políticos enquanto agentes privilegiados e protagonistas da arena política.

TABELA 17
A IMPORTÂNCIA DA POLÍTICA NA VIDA DOS IDOSOS, SEGUNDO OS ENTREVISTADOS

A política é importante?	UnATI-UERJ %	UTI-UVA %
Sim	42,45	51,28
Não	28,30	20,51
Não sabem	4,72	-
Sem resposta	24,53	28,21

Importância da universidade para a cidadania dos idosos

A Tabela 18 mostra que 90% dos alunos da universidade pública e 89% da particular reconhecem a universidade como *locus* para debates e para o exercício da vida política dos idosos. Mesmo alegando o descrédito com a política brasileira, se percebem como potenciais protagonistas do jogo político e avaliam ser a universidade um espaço privilegiado para desencadear esse processo.

TABELA 18
IMPORTÂNCIA DA UNIVERSIDADE PARA A
CIDADANIA DOS IDOSOS, SEGUNDO OS ENTREVISTADOS

A universidade é importante para a cidadania dos idosos?	UnATI-UERJ %	UTI-UVA %
Sim	90,0	89,0
Relativamente	1,0	-
Sem resposta	9,0	11,0

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos demonstrar, através da bibliografia percorrida, dos depoimentos dos alunos idosos nos formulários, nas entrevistas e nas dinâmicas de grupo, da nossa observação sistemática e dos dados demográficos disponíveis, que o envelhecimento da população se revela com uma relevância nunca verificada na história da humanidade. Esse fenômeno da ampliação do tempo de vida se verificou de forma mais evidente nos países desenvolvidos da Europa e da América do Norte, onde as condições objetivas de vida oferecem melhores serviços de saúde, saneamento básico, educação, habitação, trabalho, segurança, de atividades culturais e de lazer, dentre outros. Não por acaso, nesses países foi implantado o chamado Estado de Bem-Estar Social, onde a população, como um todo, usufruía dos direitos de cidadania, principalmente dos direitos sociais.

Buscamos mostrar que o envelhecimento se alastra como relevante e cada vez com mais intensidade nos países em desenvolvimento, principalmente no Brasil, país, segundo dados oficiais da ONU, de maior crescimento da população idosa no período de 1950 a 2025, quando terá crescido mais de 15 vezes. As perspectivas de maior participação das pessoas com 60 anos e mais na estrutura etária da população brasileira apresentam, por um lado, um fato animador, pois a ciência busca debelar doenças e oferecer condições para uma vida maior, em tempo, e melhor, em qualidade. Mas o que verificamos, por outro lado, é um desmonte das políticas sociais, um investimento cada vez menor nos chamados direitos sociais, mesmo nos países onde o estado do Bem-Estar se instaurou. Sob a égide do neoliberalismo, que delega ao mercado a regulamentação da vida econômica, o social fica em plano cada vez mais subordinado aos interesses do capital. As crises do capitalismo contaminam, ao mesmo tempo, países desenvolvidos e, mais ainda, os não desenvolvidos. A convergência desses fatores traz à tona uma crise sem precedentes vivida nessa virada de século e de milênio, onde ficam nítidos os perdedores, quase todos os países, e os vencedores parecem se esconder numa névoa de dúvidas e de especulações.

E a crise que vivemos é multifacetada. Abarca todas as esferas da vida social, todos os países, todas as faixas etárias, enfim, perpassa todas as classes sociais, não da mesma forma e nem com a mesma intensidade. No caso do Brasil, com uma dívida externa e interna enormes e crescentes, sua dependência aos sistemas econômicos internacionais colide com os interesses e a própria soberania nacional.

Não é novidade para ninguém afirmar que, numa sociedade em crise, os segmentos mais vulneráveis são as crianças, os velhos e os deficientes físicos. Como já nos referimos, com a fragilidade, quase falência, dos direitos sociais, com a crise no emprego e com a despreocupação com a seguridade social, relegada a plano secundário, os idosos, no caso do Brasil, quase todos aposentados ou pensionistas, têm a qualidade de vida cada vez mais deteriorada, principalmente se precisarem de remédios, cada vez mais caros e de qualidade duvidosa.

A descrença quanto aos rumos políticos do país ficou sobejamente demonstrada na pesquisa de campo que realizamos com os alunos idosos.



Por outro lado, há uma compreensão restrita da dimensão política, entendida como política partidária, esvaziando assim o sentido mais amplo.

Entendida em sua amplitude, a dimensão política, mesmo negada no discurso dos alunos idosos, aparece em suas falas, quando reivindicam melhores remunerações, uma nova chance no mercado de trabalho, serviços de transporte mais adequados, melhoria nos serviços de saúde da rede pública e privada, planos de saúde compatíveis com suas parcas rendas, respeito e convivência inter e intrageracional e educação permanente, principalmente nas universidades públicas.

O caráter gratuito da universidade pública garante, sem dúvidas, um acesso mais democrático do que o da particular, mesmo considerando-se que o valor cobrado por essa corresponda a um terço do salário mínimo, o que é razoável para os de renda mais elevadas, mas impensável para a maioria dos idosos que recebem baixa remuneração. Mesmo assim, em ambas as unidades pesquisadas, a incidência de alunos com renda inferior a 4 salários mínimos é muito baixa. A maior incidência de renda se situa entre as faixas médias (6 a 10 salários) e altas (mais de 10 salários), perfazendo cerca de 44% da unidade pública e pouco mais de 66% na particular. Cabe registrar que quase 20% dos alunos da universidade pública e mais de 28% da particular deixaram de informar suas rendas. Podemos deduzir, portanto, que as universidades têm atraído para os seus programas destinados aos idosos população das camadas médias e altas, talvez pelo distanciamento que essa instituição tem em relação aos mais pobres, imagem que intimida aqueles que certamente mais precisam de seus serviços. Entendemos que as universidades devam abrir seus espaços de ensino, pesquisa e, principalmente, de extensão para a sociedade, criando programas e atividades que melhorem a qualidade de vida da população e desmistificando a imagem de torre de marfim, que distancia a população do que deveria ser uma verdadeira universidade, democrática, espaço não exclusivo, mas privilegiado de lição de cidadania para todas as gerações e classes sociais.

Nas duas universidades que pesquisamos, sentimos falta da população de baixa renda e residente na periferia, talvez a que mais necessita dos serviços das universidades. Para que se constituíssem espaços verdadeiramente democráticos, as universidades deveriam ampliar seus servi-

ços, cursos e assistência aos menos favorecidos, dando-lhes oportunidades de acesso e ampliando espaços de sociabilidade tão importantes para os idosos. A formação de agentes multiplicadores em comunidades carentes seria uma proposta viável, como a que se desenvolve na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Exercer cidadania é dar condições aos idosos de serem sujeitos de sua história pessoal e de exercerem seus direitos civis, políticos e sociais, também no plano coletivo, de participarem da vida social em todas as suas instituições e movimentos sociais. É importante que se sintam motivados a exercer, de forma mais próxima possível, a cidadania efetiva, que dê qualidade à vida e que lhes assegure viver com dignidade. E todos os espaços públicos e privados são de exercício da cidadania dos idosos; espaços que não se mostram prontos, mas possíveis de serem construídos solidariamente, por jovens e velhos, homens e mulheres, enfim, por toda a sociedade. E as universidades, como já procuramos demonstrar, exercem papel fundamental nesse processo de construção.

Constatamos que há necessidade de ampliar as pesquisas sobre envelhecimento, educação e cidadania, pois serão temas de grande importância, em extensão e em profundidade para o próximo milênio. As novas tecnologias, ao mesmo tempo que trazem benefícios às pesquisas científicas, distanciam o contingente idoso do acesso a elas. É mais um desafio que os idosos têm a enfrentar: acompanhar o avanço tecnológico incorporado em seus cotidianos através de cartões digitais para receber seus benefícios, cartões eletrônicos para saldos, verificar preços nos supermercados em terminais eletrônicos, dentre outros. E o acesso ao mundo virtual pela Internet, ainda restrito às camadas de renda alta e média alta, tende a se ampliar, tornando-se mais uma questão com que os idosos terão que se confrontar. Entendemos ser função das universidades a educação permanente de toda a população, dando um especial atendimento aos idosos, que têm ainda pouca familiaridade com a Informática.

Gostaríamos de nos remeter à Simone Beauvoir, que nos advertiu ser impossível uma sociedade justa para os velhos numa sociedade permeada por injustiças sociais, como é a nossa sociedade, agora, sob o neoliberalismo e sob o impacto das crises econômicas no mundo globalizado. Claro que ~~uma nova~~ forma de sociedade é um projeto distante, mas, quem sabe, possível.

Marcuse (1970) já nos dizia em suas Cinco Conferências: “Hoje temos a capacidade de transformar o mundo em um inferno e estamos em caminho de fazê-lo. Mas também temos a capacidade de fazer exatamente o contrário”. É nessa segunda possibilidade, que, esperançosamente, apostamos todas as fichas.

NOTAS

- ¹ Professora da Escola de Serviço Social da UFRJ, Doutora em Serviço Social pela PUC-SP.
- ² Goldman, S.N. *Universidade para a terceira idade: uma lição de cidadania*. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Serviço Social, PUC-SP, 1999 (mimeo).
- ³ A Terceira Revolução Industrial consiste na introdução da automação e da robótica com base na revolução da microeletrônica.
- ⁴ Entrevistamos o referido Professor no Instituto Universitário de Política do Estado do Rio de Janeiro (IUPERJ), no dia 27 de março de 1998, quando gentilmente nos apresentou um panorama político e eleitoral do Brasil e do mundo ocidental.
- ⁵ Incluídas atividades em partido político, sindicatos, condomínios, assistência aos familiares, contribuição econômica e cargos em clubes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

COIMBRA, Marcos Antônio. Abordagens teóricas ao estudo das políticas sociais. In: Coimbra, M. et al. *Política social e combate à pobreza*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p. 90-102.

COUTINHO, Carlos Nelson. *A Democracia como valor universal*. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

_____. *Cidadania, democracia e educação*. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, mar 1993. (mimeo).

FIBGE. *Anuário Estatístico de 1990*. Rio de Janeiro, 1991.

_____. *Censo Demográfico de 1991*. Rio de Janeiro, 1992.

GOLDMAN, Sara Nigri et al. *Afinal, o que é extensão?* Elementos para reflexão. Rio de Janeiro: NUPESS/UFRJ, 1992.

_____. *Velhice e universidade: uma abordagem necessária*. Em *Pauta*, UERJ, Rio de Janeiro, n. 12, p. 167-184, maio 1998.

____. Universidade para a terceira idade: uma lição de cidadania. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Serviço Social / PUC/SP, 1999 (mimeo).

HABERMAS, Jürgen. *The theory of communicative action*. Boston: Beacon Press, 1984, v. I.

KONDER, Leandro. *A democracia e os comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

LUCAS, Randolph. *Democracia e participação*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1975.

MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade Industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARSHALL, T. H. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

MARTINS, Joel. Não somos Cronos somos Kairós. Texto do Núcleo de Estudos Interdisciplinares, São Paulo, PUC, 1991.

ONU/DIESA, *The world aging situation*, 1985.

PEREIRA DA SILVA, I. Prefácio In: Carneiro, Moacir. *Extensão e perversões*. João Pessoa: Presença/UFPB, 1985. 10 p.

SANTOS, Boaventura. *Pela mão de Alice*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Cidadania e Justiça: a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

TOURAINÉ, Alain: Entrevista concedida ao jornalista Ernesto Soto. *Jornal do Brasil*, Caderno B, dia 10 de setembro de 1997, p. 1 e 2.

VIANNA, Luiz Werneck. *A esquerda, a cultura política jacobina e os neoliberais*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 10 de outubro de 1989. mimeo.

VIEIRA, Evaldo. *Democracia e política social*. São Paulo: Cortez, 1992.

____. *O estado e miséria social no Brasil: de Getúlio a Geisel*. São Paulo: Cortez, 1985.



UNIVERSITY OF THE THIRD AGE: A CITIZENSHIP LESSON

ABSTRACT

Might the Universities of the Third Age be considered places to learn and teach citizenship lessons? This is the main issue that led us to write the present article. The field research was carried out at the Open University of Third Age from Universidade do Estado do Rio de Janeiro and at The University of Third Age from Universidade Veiga de Almeida. The elderly were submitted to questionnaires and had the authenticity of their speech as much guaranteed as possible. They had the chance to express their hope, disenchantment, criticism or support to the university programmes. We aimed at showing the variety and richness of their statements as they allowed us to know their wishes, disappointments and expectations. It is suggested that through extension programs and activities, along with research and teaching, the university may constitute a non-exclusive and privileged means for the debate and the recovering of the elderly's citizenship which has been so much affected by the impact of globalization and tends to exclude the most vulnerable elderly from the process of production.

Keywords: aged, education continuing, demographic aging



SERVIÇO SOCIAL E UNIVERSIDADE DE TERCEIRA IDADE: uma proposta de participação social e cidadania para os idosos

Alzira Tereza Garcia Lobato Nunes¹

RESUMO

Neste artigo apresentaremos a proposta de trabalho do Serviço Social da UnATI-UERJ a partir das ações que desenvolvemos num projeto de extensão cujo eixo temático são as questões de participação social e cidadania na terceira idade. A equipe desse projeto, sob nossa coordenação, é composta de jovens estudantes do curso de serviço social, da Faculdade de Serviço Social da UERJ. Ao longo desses sete anos temos oferecido para os alunos idosos do programa cursos livres na área temática das Atividades Informativas e Formativas. Os alunos interessados nestes cursos, em sua maioria mulheres idosas, demonstram interesse em discutir questões de seu processo de envelhecimento, ao mesmo tempo que estão dispostas a conhecer seus direitos sociais e ter uma participação mais ativa no programa. Essa nova forma de viver a velhice tem possibilitado a esses segmentos rever estereótipos e mitos que, ainda presentes em nossa sociedade, resultam numa representação negativa da velhice. Os resultados obtidos, até o momento, têm revelado que os idosos que freqüentam essas atividades demonstram interesse em reconstruir sua imagem como cidadãos de terceira idade, lutando pela garantia da implementação de seus direitos sociais.

Palavras-chave: participação social, mulheres idosas, educação gerontológica, serviço social

1. INTRODUÇÃO

Estudos sobre o envelhecimento de nossa população, ou seja, pessoas com 60 anos ou mais de idade, informam que esse segmento vem tendo um crescimento acelerado. Assim sendo, tem-se a expectativa de que, no ano 2025, estaremos com um contingente de idosos da ordem de, aproximadamente, 32 milhões de pessoas. Conforme Veras e Camargo (1995), o Brasil deverá ocupar o sexto lugar no mundo em população idosa.

Essa possibilidade impõe a necessidade de desenvolvermos políticas públicas que atendam às demandas desse segmento por saúde, educação, assistência social, enfim, por condições dignas de vida.

Os idosos em nosso país, que ainda não oferece boas condições de vida para a maioria da população, experimentam o envelhecimento de forma heterogênea, que, conforme os estudos de Santanna (1997), tem a ver com questões de gênero, classe social, religião e etnia. Também são identificados como inativos ou improdutivos, sendo muitas vezes aliados, por suas baixas pensões e aposentadorias, do acesso aos bens e serviços de nossa sociedade.

Magalhães (1987), pensando as condições de vida das pessoas idosas nas sociedades modernas, afirma que estas sociedades têm as seguintes características: baixos índices de natalidade e mortalidade, com processos de mudanças aceleradas onde a inovação tende a ocupar o lugar da tradição. Além disso, há uma valorização das esferas da produção e do consumo, ao mesmo tempo em que o patrimônio familiar é substituído pelo projeto individual. Esses indicativos não oferecem boas perspectivas para as pessoas que envelhecem nestas sociedades.

Ao longo dessas últimas décadas em nosso país, presenciamos um aumento significativo dos grupos e centros de convivência. O SESC, desde a década de 1960, pioneiro no trabalho social com idosos, tem possibilitado a esses segmentos atividades de lazer e cultura, ao mesmo tempo em que realiza palestras sobre temas relevantes para a compreensão do processo de envelhecimento.

A nosso ver, os programas de terceira idade têm dado visibilidade aos idosos, passando uma imagem desse tempo de vida como de realizações e de atividade.

Porém, ainda temos um grande contingente de idosos em nossa sociedade que sofrem um processo de exclusão social. Para Queiroz (1999), a exclusão social se dá nas dimensões econômica (perda do poder aquisitivo, com baixas aposentadorias e pensões), política (pois não têm respeitados seus direitos de cidadãos), social (quando ocorre o isolamento social, na medida em que as estruturas de sociabilidade que desenvolvemos estão centradas no trabalho e na família e, secundariamente, nas relações de vizinhança, por exemplo) e cultural (pela desvalorização da memória e da lembrança).

Com o intuito de resgatar o sujeito idoso desse processo de exclusão é que podemos entender a evolução, desde a década de 1980 no Brasil, dos programas de universidade de terceira idade, que se desenvolvem nos centros urbanos e se localizam no interior das universidades: espaços tradicionalmente freqüentados por jovens universitários.

2. PROGRAMAS DE UNIVERSIDADE DE TERCEIRA IDADE E A PROPOSTA DA UNATI-UERJ

A primeira Université du Troisième Âge voltada para o ensino e a pesquisa e tendo preocupações com as questões de saúde física, mental e social dos idosos foi fundada no ano de 1973 por Pierre Vellas na cidade de Toulouse, na França (Nunes e Peixoto, 1994).

No Brasil, no ano de 1977, os técnicos do SESC São Paulo, ao retornarem de intercâmbio na Universidade de Toulouse (França), fundaram a primeira Escola Aberta para a Terceira Idade, a qual podemos considerar como o embrião dos programas de universidade de terceira idade do modo como estão hoje constituídos.

Na década de 1980 encontramos no interior das universidades núcleos de estudo sobre o envelhecimento que deram importante contribuição para o aprofundamento dessa temática. Em agosto de 1990, a Faculdade de Serviço Social da PUC – Campinas implantou a Universidade de Terceira Idade, que contou com a assessoria do Professor Paulo Freire na discussão de sua proposta pedagógica, de extensão universitária e de educação permanente, concebida como um direito do cidadão idoso na busca da liberdade e da democracia (Sá, 1998).

Estudos de Palma (2000) sobre educação permanente e programas de universidade de terceira idade nos chamam atenção para a criação desses programas com o objetivo de tirar os idosos do isolamento, uma das preocupações de Pierre Vellas, além de propiciar-lhes saúde, energia e interesse pela vida, buscando modificar a imagem do idoso perante a sociedade. Vellas acreditava que as dificuldades decorrentes da idade poderiam ser compensadas através da inserção dos idosos em um programa que apresentasse novas possibilidades de vida social, atividades físicas, culturais e de ações de saúde preventivas.

Com uma filosofia semelhante àquela de Pierre Vellas, a UnATI-UERJ iniciou suas atividades em agosto do ano de 1993 e veio a se constituir como a primeira iniciativa de programa de universidade de terceira idade de caráter público no estado do Rio de Janeiro, que já contava com outros programas vinculados às universidades particulares.

A UnATI-UERJ tem como objetivo geral contribuir para a melhoria dos níveis de saúde física, mental e social das pessoas idosas acima de 60 anos. A partir dessa intenção, percebemos que nesse programa a saúde assume uma concepção ampliada, ou seja, tem relação com as condições de vida dos idosos.

Veras e Camargo (1995), discutindo a proposta da UnATI-UERJ, sinalizam que, para garantir melhoria na qualidade de vida dos idosos, precisamos enfrentar um duplo desafio: assegurar serviços de qualidade para este segmento e desenvolver recursos humanos de excelência e conhecimento para lidar com o grupo etário que mais cresce em nosso país.

Na perspectiva daqueles autores, os programas de universidade de terceira idade estão mais direcionados para os idosos com autonomia e independência. Essa condição pode ser mantida por muito tempo se houver apoio de profissionais qualificados para atender a esse segmento (Veras e Camargo, 1995).

O núcleo UnATI está estruturado em três módulos: ensino, pesquisa e extensão, que também são as áreas de atuação da Universidade. Buscando desenvolver ações articulando os três módulos é que a UnATI se constitui como uma microuniversidade temática nas questões do envelhecimento.

Na perspectiva da elevação da qualidade de vida do idoso pretende-se na UnATI:

- proporcionar um local qualificado como instituição de saúde pública, de socioterapia e de serviços comunitários, além de pesquisas e ações gerontológicas;
- promover cursos para atualização de conhecimentos, buscando a integração dos idosos à sociedade contemporânea;

- capacitar profissionais de várias áreas do conhecimento para o atendimento de problemas de pessoas idosas;
- assessorar órgãos governamentais e não-governamentais na formulação de políticas específicas para o grupo etário de mais de 60 anos.

O núcleo UnATI tem em sua estrutura organizacional um diretor, uma coordenação técnica (vice-diretora) e três gerentes responsáveis pelo desenvolvimento das ações módulos abaixo descritos.

Assistência: é composto pelas ações do ambulatório Núcleo de Atenção ao Idoso (localizado dentro do programa e desenvolvendo ações preventivas) e do ambulatório Cuidado Integral à Pessoa Idosa (localizado na Policlínica Américo Piquet Carneiro, direcionado para idosos mais fragilizados, portadores de patologias mais comprometedoras); conta com uma equipe multidisciplinar que desenvolve o Programa de Atenção Integral à Saúde do Idoso, Programa de Valorização do Conhecimento do Idoso (que conta com dois projetos de ações voluntárias: Idosos Companheiros e Idosos Colaboradores, que estão sob a coordenação de assistentes sociais) além de alguns Projetos de Extensão de unidades de ensino da UERJ (Direito, Serviço Social, Nutrição.); a Gerente é da área de serviço social.

Pesquisa: busca organizar as publicações da UnATI, incentivando a produção de conhecimento na área do envelhecimento; organizou o Centro de Referência e Documentação sobre o Envelhecimento, criado no ano de 1999, visando à identificação, à organização e à disseminação de informações nesse âmbito do conhecimento; mantém parceria com o Centro Latino Americano e do Caribe de Informações em Ciências da Saúde (BIREME-OPS-OMS). Oferece suporte e avalia solicitações de pesquisas sobre a UnATI; a gerente é professora do Instituto de Nutrição da UERJ.

Ensino: é composto por duas sub-áreas: educação continuada (com o oferecimento de cursos livres para os idosos agrupados em áreas temáticas) e desenvolvimento de recursos humanos; na área de capacitação de recursos humanos oferece estágio curricular para alunos graduandos e pós-graduandos da UERJ e organiza cursos de Gerontologia para profissionais interessados em trabalhar com idosos. Desenvolve também seminários e grupos de estudos; nessa gerência temos também a Assessoria de

Comunicação Social, responsável por toda a divulgação da programação da UnATI; a Coordenação Pedagógica, que orienta os professores na organização dos cursos e desenvolve avaliações periódicas do processo pedagógico, e a Coordenação de Eventos que organiza programação de palestras, workshops e calendário de festas significativas para os idosos que freqüentam o programa; a gerente é professora da Faculdade de Serviço Social da UERJ e assistente social.

Nossa inserção na UnATI, a princípio, foi como professora extensionista e, mais recentemente, tem sido como Gerente de Ensino. Daí nosso interesse em apresentar alguns aspectos do ensino neste programa.

3. ENSINO NA UnATI-UERJ

A partir de levantamento realizado na secretaria do programa que, junto com a coordenação pedagógica, organiza a programação dos cursos livres para os idosos e, tendo como base o ano de 1999, foram oferecidos 119 cursos livres, com um total de 2644 inscrições.

O idoso que estiver interessado em freqüentar o programa poderá escolher até três cursos por semestre. Além disso, poderá participar das palestras e outros eventos ao mesmo tempo que é estimulado a freqüentar os espaços da universidade que oferecem farta programação científica e cultural.

Os cursos são oferecidos no nível de atualização de conhecimentos. Nossa proposta pedagógica diz respeito às ações e projetos educacionais que permitirão ao idoso a absorção de novos conteúdos que lhes dêem acesso aos bens e serviços da sociedade, usufruindo desses bens na condição de sujeitos e cidadãos de terceira idade

Pensar a educação de idosos como um processo contínuo, a nosso ver, é desenvolver uma nova postura crítica e reflexiva frente aos problemas decorrentes dessa fase da vida, estimulando a emergência de potencialidades e da criatividade dos alunos idosos. Nesse processo é importante que o idoso possa exercitar uma visão crítica da realidade em que vive e atua, bem como a convicção de que é possível transformá-la (Nunes, 1993).



A programação de cursos livres da UnATI encontra-se agrupada em sete áreas temáticas que possibilitam ao idoso adquirir conhecimentos que informam sobre os diferentes aspectos do processo de envelhecimento como: adquirir conhecimentos gerais, realizar atividades artísticas e culturais, aprender línguas estrangeiras, participar de atividades de grupos que problematizem suas vivências como idosos.

Das sete áreas temáticas que compõem a programação dos cursos da UnATI, encontramos, por ordem de procura dos cursos no 1º semestre de 1999, o que se segue.

ÁREAS TEMÁTICAS PROCURADAS POR ALUNOS DA UNATI-UERJ NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 1999

Áreas temáticas	Número de idosos que procuram cursos em cada área temática
Educação para a saúde	731
Arte da dança e da música	703
Línguas estrangeiras	286
Atividades informativas e formativas em 3ª idade	261
Artes plásticas e artesanato	227
Atividades de integração e reflexão	217
Arte, literatura, história e filosofia	210

É interessante observarmos essas escolhas num espaço onde os alunos são majoritariamente mulheres idosas. A grande frequência nos cursos da área da saúde demonstra que estão querendo cuidar mais do corpo e de si, ao mesmo tempo que querem desenvolver novas habilidades relacionadas às artes em geral. Querem aprender a falar outros idiomas. Aquelas de nível de escolaridade mais baixo querem alfabetizar-se e

tomar ciência do que ocorre no mundo que se transforma através do conhecimento de novas tecnologias, e também com o intuito de aproximação com as gerações dos netos, muitos têm tido interesse pelos cursos de informática. Essas mulheres também querem discutir novos rumos para essa fase da vida, como pessoas que resgatam projetos abandonados em função de cuidarem dos filhos e dos maridos, como também querem adquirir novas habilidades escolhendo cursos mais técnicos, além da informação sobre as questões de participação social e cidadania na terceira idade.

A partir dessas observações, consideramos que esse programa tem propiciado um exercício de redescoberta de potencialidades adormecidas ou tem criado novas possibilidades para os idosos e, mais especificamente, para as mulheres que chegam desejosas de exercer uma liberdade que parece ter sido cerceada, a princípio pelos pais e, após o casamento, quando nas funções de mãe e esposa, pelos maridos, mesmo que também tenham tido uma participação no mercado de trabalho.

Portanto, perceber as questões de gênero que perpassam as escolhas de cursos das idosas que freqüentam o programa implica ir além das chamadas diferenças biológicas que conformam homens e mulheres. Heilborn (1996, p. 102), discutindo o tema, sinaliza que gênero existe para distinguir a dimensão biológica da social, e que homens e mulheres só se afirmam na cultura. "Gênero é um conceito das ciências sociais que se refere à construção social do sexo".

Para a autora, o conceito de gênero tem como origem a noção de cultura. Para a Antropologia a cultura humaniza a espécie e é essencial à sobrevivência de homens e mulheres, que são "concebidos representacionalmente e modelados socialmente de maneira muito variada" (1996, p. 102).

Para Heilborn (1996), precisamos admitir que a espécie humana é dependente da socialização sendo que a determinação da natureza é frágil na definição dos comportamentos sociais. A autora conclui seu artigo recapitulando alguns aspectos da categoria gênero que julgamos significativos para nosso estudo das mulheres idosas de nosso programa:

... gênero é um conceito que visa apontar para a não-continuidade entre o sexo físico e o sexo social, e que tem sido usado por

diversos campos do conhecimento. O comportamento esperado de uma pessoa de um determinado sexo é produto das convenções sociais acerca do gênero em um contexto social específico. E mais, essas idéias sobre o que se espera de homens e mulheres são produzidas relacionalmente, isto é, quando se fala em identidades socialmente construídas, o discurso sociológico/antropológico está enfatizando que a atribuição de papéis e identidades para ambos os sexos forma um sistema simbólico concatenado (1996, p. 108).

Nosso corpo docente é composto de professores de várias unidades da UERJ, que desenvolvem suas propostas capacitando também os alunos da graduação que coordenam os cursos livres sob supervisão. Esses alunos procedem dos seguintes cursos: psicologia, serviço social, direito, nutrição, letras, pedagogia, comunicação social e informática, e professores e profissionais contratados de várias formações, que coordenam oficinas de dança de salão, teatro, biodança, percussão, coral, violão, tai-chi-chuan, xadrez, oficina da memória, oficinas de psicomotricidade e outras.

Essa diversidade traz uma riqueza à programação que é oferecida aos idosos, mas ao mesmo tempo nos impõe o desafio da busca da unidade na organização de nossa proposta.

A troca de saberes, através de grupos de estudos, palestras e seminários, tem nos ajudado a conformar melhor nossas áreas temáticas, que estão em processo de reconstrução devido ao rápido crescimento que tivemos na oferta de cursos para os idosos.

Consideramos que dar visibilidade ao trabalho da UnATI no âmbito da academia, num primeiro momento, significa conquistar espaço, ter boas parcerias, discutindo o aperfeiçoamento de nossa proposta pedagógica.

Ao longo desse tempo que estamos na Gerência Ensino podemos dizer que temos encontrado, em nossas parcerias, bons interlocutores como os programas PROALFA, LER-UERJ, o Instituto de Letras (através do LICOM), o IME (através dos Laboratórios de Informática), o Instituto de Biologia, além do apoio do Departamento Cultural da universidade.

Nesses sete anos de atividades do programa, acreditamos estar legitimados no campus universitário que, através do convívio intergeracional entre idosos, adultos maduros e jovens estudantes, tem possibilitado re-pensar representações sociais cristalizadas em nossa sociedade que vêm

sendo reconstruídas na relação entre esses segmentos no espaço da UnATI, em primeira instância, e na universidade.

Além disso, o fato de inserirmos disciplinas em nossos currículos que tratem das questões do processo de envelhecimento tem possibilitado um aumento na produção de conhecimento nessa área, com os trabalhos de conclusão de curso da graduação e de alguns cursos de pós-graduação como os dos alunos de Serviço Social, Nutrição, Psicologia, Educação e outros.

O alcance de nossa proposta de trabalho com os idosos na UnATI pode ser também verificada nos vários convites que temos recebido das sub-reitorias e de outras unidades da universidade para que nossos alunos mostrem suas produções artística e cultural.

Nossa participação no Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa (CEDEPI), desde a primeira gestão, tem sido importante para trazermos as questões dos idosos em geral para dentro da UnATI. Além disso, o convívio com outros profissionais que também estão coordenando programas para idosos tem possibilitado o desenvolvimento de parcerias externas com o intuito de organizarmos eventos em conjunto com outros programas de idosos, discutindo aspectos da implementação de políticas para estes segmentos em prol da cidadania do idoso ou mesmo prestando serviços, como, por exemplo, o “Dia da Cidadania do Idoso”, em 1997, organizado pelas Gerências de Ensino e de Extensão, em parceria com a Defensoria Pública e o Instituto Félix Pacheco². Neste dia tivemos uma enorme procura de idosos de várias partes do Rio de Janeiro, que aproveitaram para por em ordem seus documentos de identificação, realizar consultas para saber de seu estado de saúde, receber orientações diversas e conhecer a proposta da UnATI-UERJ.

Outro aspecto interessante tem sido a formação de monitores idosos para ajudarem no encaminhamento das oficinas. Isto demonstra que os alunos têm tido bom desempenho em suas atividades, ajudando a expandir propostas muito procuradas tais como Oficina da Memória, Tai-chi chuan, Dança de Salão e Teatro.

A representação estudantil também tem sido outro ponto de apoio da gerência aos alunos, entendendo que é preciso que se organizem para

encaminharem suas questões. Ressaltamos que nessa esfera as mulheres idosas têm tido participação como representantes gerais dos alunos. Porém, percebemos ainda um certo distanciamento de grande parte dos alunos que entendem essa atividade como política, de forma restrita, pois têm sempre em mente os caminhos de nossa política partidária, que consideram ruim. Mas alguns já se dão conta da importância dessa organização, que é fundamental na participação política dos idosos que frequentam o programa.

Conhecendo os alunos da UnATI-UERJ

Para que o idoso frequente a UnATI basta que tenha 60 anos, idade considerada como de início da velhice pela Organização Mundial de Saúde para os países em desenvolvimento.

As mulheres têm sido maioria no programa. Em pesquisa de perfil do aluno realizada por Nunes e Peixoto (1994) concluiu-se que, da mostra de 250 alunos entrevistados, de um total de 820 idosos, 83,6% eram mulheres e apenas 16,4% eram homens.

Estudos de Sant'Anna (1997, p. 80) com o objetivo de conhecer os alunos da UnATI comprovam os resultados daquela mostra, encontrando percentual semelhante para as mulheres idosas que frequentam o programa: 83,8%.

Os autores também chamam atenção para a pequena participação masculina nesses programas que não ultrapassa os 20%, levando-nos a acreditar que a terceira idade em nosso país tende a ser uma experiência essencialmente feminina (Debert, 1996).

Apresentando alguns desses dados das pesquisas de perfil do aluno da UnATI encontramos que os alunos, em sua maioria, residem em bairros próximos à universidade, tradicionalmente considerados como de moradia das camadas médias de nossa cidade.

Quanto ao nível de escolaridade, encontramos desde o primeiro grau incompleto ao curso universitário. As mulheres têm menor nível de escolaridade que os homens, enquanto algumas buscam a alfabetização

neste momento da vida e poucas chegaram ao nível superior. A renda varia de 1 a 10 salários mínimos, sendo que os homens ganham mais do que as mulheres, além de verificarmos um grande número de idosos que tem renda entre 1 e 3 salários mínimos. Quanto ao estado civil, encontramos grande número de mulheres viúvas, em seguida temos as casadas, sendo que algumas delas freqüentam o programa junto com os maridos, situação interessante para posteriores estudos. Quanto ao estado civil dos homens, a maioria é de casados e, quando viúvos, muitos voltam a casar-se, o que não é muito freqüente para as mulheres viúvas.

Recebemos também alunos de bairros mais distantes da universidade, provenientes da zona oeste, dos subúrbios e alguns poucos da baixada fluminense, comprovando a insipiência de programas para idosos nos bairros mais afastados da centro da cidade.

Dos motivos de vir para a UnATI, identificamos que os idosos declaram querer atualizar conhecimentos e conquistar novas amizades. Muitos reclamam da solidão, mesmo que em família, ou da falta de atividade, em decorrência da aposentadoria. Ressaltamos que, embora a maioria das mulheres não tenha estado no mercado formal de trabalho, as que estiveram, declaram profissões consideradas femininas como professoras, costureiras, auxiliares de enfermagem, telefonistas, enfermeiras e assistentes sociais.

A faixa etária do alunos, em sua maioria, está entre 60 e 69 anos. Demonstram disposição e desejo de participar de atividades que lhes proporcionem dar um novo sentido à velhice, ainda tão discriminada em nossa sociedade.

Conforme Debert (1994), esse modo de ser dos idosos corrobora o significado da categoria terceira idade, que é a negação da velhice, a possibilidade da aposentadoria ativa, como período de lazer e realização pessoal.

A categoria "terceira idade" foi inventada na França nos anos 60 e refere-se "a uma emergente realidade da velhice, ligada a uma novo tempo de lazer e não mais associada à miséria, doença e decadência, o que, em geral, ocorria após a aposentadoria" (Frutuoso, 1996,33).

A partir dessas reflexões consideramos que o sentido de ir para a universidade para esses segmentos representantes das camadas médias de idosos é de estar sintonizado com as questões de seu tempo, mostrar-se ativo e produtivo para a sociedade, mesmo que fora do mercado de trabalho, como é o caso daqueles que desenvolvem atividades voluntárias no interior do programa ou em asilos, ou que têm atividades no mercado informal como artesanato, massagem e outros.

Portanto, é a partir das características desse perfil e do desejo desses idosos de adquirir novos conhecimentos e associar-se a outros grupos que podemos pensar nas condições para a participação social no interior dos programas de universidade de terceira idade.

4. CONDIÇÕES PARA A PARTICIPAÇÃO SOCIAL NOS PROGRAMAS DE TERCEIRA IDADE

O tema da participação social está presente no texto da Política Nacional do Idoso (Lei no. 8842, de 4 de janeiro de 1994) em seu primeiro artigo, que declara o seguinte: "a Política Nacional do Idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade."

Porém, ainda existe uma lacuna muito grande entre o texto e a concretização da participação social dos idosos na garantia de seus direitos sociais. Por isso, consideramos que é por dentro dos programas direcionados para os idosos que devemos trabalhar essas questões.

Para que isto ocorra, precisamos envolver os idosos nesses debates. Eles já percebem que são discriminados por outros segmentos e que suas pensões e aposentadorias não dão conta de atender suas necessidades básicas, mas ainda são poucos aqueles que acreditam serem capazes de lutar por seus interesses. É nesse sentido que percebemos nas associações de aposentados e pensionistas a tentativa de ampliar seus quadros, oferecendo serviços, palestras, passeios, que também estimulem os idosos à participação política.

Portanto, entendemos que o modo como podemos ajudar no avanço dessas questões tem a ver com o desenvolvimento de ações de partici-



pação social nos programas de terceira idade, sejam eles grupos ou centros de convivência, clubes de maioridade e, mais especificamente, programas de universidade de terceira idade.

Vários autores, dentre eles Nunes e Peixoto (1994) e Frutuoso (1996), têm afirmado que os programas de idosos operam mudanças em seus participantes quanto ao resgate da auto-estima, superação de doenças, recuperação da memória, propiciando novos conhecimentos e o desenvolvimento de novas habilidades. Além disso, favorecem também o desenvolvimento da sociabilidade. Este último aspecto é interessante para nossa discussão, pois estes espaços têm favorecido o associativismo entre os idosos.

Considerando os estudos de Ammann (1979) sobre associativismo como forma de participação social indireta e as condições para a participação, identificamos aspectos significativos nos programas de terceira idade quanto a serem implementadores dessa participação do idoso na sociedade.

Fazer parte de uma sociedade implica estar em contato com pessoas e grupos sociais diversos, de várias gerações, com valores e idéias diferentes, mas buscando estabelecer rede de relações que nos possibilitem participar da vida social.

Desde pequenos exercitamos a participação em nosso grupo familiar e, de certa forma, somos preparados para a vivência em outros grupos. Assim temos o grupo de amigos, vizinhos, o grupo da igreja, o clube e, quando mais velhos, temos os grupos de terceira idade que se reúnem com objetivos semelhantes como sinalizamos anteriormente.

Para Safira Ammann (1979), as condições de participação estão em dois níveis: o do indivíduo (no plano da conscientização) e o da sociedade (no modo como as relações sociais acontecem, considerando as questões conjunturais e estruturais).

No nível do indivíduo temos três condições relacionadas aos fatores psicossociais que são: motivação, informação e educação.

A motivação está relacionada ao modo como nos colocamos diante do mundo exterior. Existem várias ordens de motivos: amoroso, lógico,

biológico. A ordem de motivos de natureza ética, conforme Pinto (citado por Ammann, 1979, p. 38), é a que nos leva a participar, propiciando o diálogo e a comunicação com o outro. Portanto, esse motivo favorece a associação, através da busca voluntária por outros grupos.

É comum recebermos em nossos programas idosos com baixa auto-estima, queixosos da forma como são tratados pela família e pela sociedade que, em geral, ainda cultiva uma representação bastante negativa da velhice, como tempo de “espera da morte”, ou das doenças. Enfim é um tempo de desinvestimento.

Porém, também percebemos que, após um tempo no programa, na medida em que são estimulados a participarem e encontram respeito por suas opiniões, demonstram interesse em desenvolver novas habilidades e novos conhecimentos, ao mesmo tempo que ampliam sua rede de relações dando novo significado à velhice.

A informação é a condição que subsidia os segmentos nas escolhas a partir de seus interesses e necessidades. Um segmento informado pode contribuir mais com o programa, na medida em que conhece a proposta, a forma de acesso ao serviço, os profissionais envolvidos, participando e também informando sobre as políticas sociais e o acesso aos seus direitos sociais.

A educação é a terceira condição para a participação. Aprender a participar é se apoderar de idéias, de hábitos e habilidades com um novo padrão de comportamento e isto é possível ao longo de toda a nossa vida. É através de um processo de educação permanente que podemos assumir uma nova posição frente às situações do nosso cotidiano, desenvolvendo nossas potencialidades, muitas vezes adormecidas, e acionando nossa criatividade.

Para nós, profissionais que atuamos junto aos idosos, essas três condições devem ser trabalhadas desde o momento em que o idoso acessa o programa.

Além disso, acreditamos que as atividades em grupo são propícias para estimular o desejo de associação e o desenvolvimento da sociabilidade, ao mesmo tempo em que os idosos aprendem a respeitar e ouvir o



outro e a si mesmos, encontrando alternativas para os problemas discutidos junto com seus iguais.

Nossa experiência com os idosos da UnATI tem demonstrado que devemos aproveitar essas motivações e transformá-las em ações de participação no sentido da construção da concidadania que, conforme Leonardo Boff (1999), é o movimento que um cidadão faz em face de outro cidadão na luta pelos direitos sociais, é a vivência que os cidadãos têm tido nos movimentos sociais, que representam a sociedade civil organizada perante o governo.

Falemos das condições da sociedade. Consideramos que a existência de uma política para os idosos já é um bom começo, ao mesmo tempo que, por conta do Ano Internacional do Idoso, muitas de nossas autoridades, a partir dos encontros organizados por profissionais representantes de entidades de terceira idade, firmaram compromissos, através de portarias, de implementação de ações há muito pleiteadas pelos idosos que, principalmente no setor da saúde pública, não têm o acesso garantido. Neste sentido, foram acelerados os processos de operações de catarata, como também campanha de vacinação nacional para os idosos. Sabemos que podem ser conquistas pontuais, mas que demonstram a atenção dos governantes com os segmentos de idosos.

Mobilizar os idosos através de eventos que põem em pauta essas questões, como a realização de passeatas, a Caminhada das Gerações, é, a nosso ver, fundamental para darmos visibilidade ao movimento desse segmento e, quem sabe, garantir a implementação da política do idoso nos níveis federais, estaduais e municipais.

Mas será que nosso idoso conhece a sua política? Sabemos que nossos idosos não têm informações sobre estas questões, por isso cabe a nós, profissionais dos programas de terceira idade, inserirmos esses conteúdos, pois temos certeza de que as políticas para o idoso só avançarão se houver mobilização dos profissionais e dos idosos numa parceria de concidadania participativa.

Portanto, consideramos de fundamental importância que se mantenham nos estados e municípios Fóruns Permanentes de Implementação da

Política Nacional do Idoso, garantindo a articulação das ações programáticas e a mobilização das entidades de terceira idade. No Rio de Janeiro, essa experiência tem dado frutos, pois conta com os representantes da Associação Nacional de Gerontologia – ANG que, estando na coordenação do Fórum, procuram articular ações entre os programas, mobilizando também os representantes das várias Secretarias Estaduais que desenvolvem ações para idosos.

O surgimento de Conselhos Estaduais e Municipais de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa, tem também importante função na participação política dos idosos que precisam estar organizados em representações não-governamentais nesses espaços.

Mas todas essas experiências precisam ser mais socializadas para dentro dos programas de terceira idade, instrumentalizando os idosos para que possam influir nos rumos da implementação dessas políticas.

5. A PROPOSTA DO SERVIÇO SOCIAL E AS AÇÕES DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL: POSSIBILIDADES PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA DO IDOSO

Recente estudo de Goldman (1999) sobre os idosos que frequentam a UnATI-UERJ e aqueles que frequentam a Universidade de Terceira Idade da Universidade Veiga de Almeida e a forma como representam

Social interessados em atuar junto aos idosos, tem propiciado uma produção de conhecimento a respeito desse segmento ainda pouco conhecido dos profissionais que os atendem.

Os idosos que freqüentam o programa têm passado uma imagem de idoso ativo que recia a velhice como tempo de adquirir novos conhecimentos, realizar projetos deixados de lado ao longo da vida e cuidar mais de si mesmo, valorizando-se como sujeito que se sente produtivo, pois desenvolve atividades artísticas, culturais, aprende línguas estrangeiras e quer conhecer seus direitos e sentir que é respeitado pela sociedade que ajudou a construir.

Esse perfil dos alunos favorece o seu envolvimento em ações de participação mais coletiva, organizado com seus pares na busca de melhores condições de vida, atentando também para o segmento de idosos isolados, mais fragilizados diante de sua situação de vida.

Nesse contexto, nossa proposta de trabalho com idosos da UnATI-LIERI tem privilegiado o eixo da participação social e da cidadania através



sos como voluntários nos setores internos da UnATI (Projeto Idosos Colaboradores) e junto à comunidade (Projeto Idosos Companheiros, espaço em que os voluntários atuam dinamizando o cotidiano dos idosos asilados, desenvolvendo atividades artísticas e culturais). Os idosos voluntários sentem-se produtivos novamente por estarem sendo úteis em melhorar a qualidade de vida de outros idosos.

Do conjunto dessas atividades que organizamos para os alunos da UnATI gostaríamos de enfatizar o Curso atualmente intitulado de “Ações de Participação Social na Terceira Idade: Exercendo a Cidadania” que tem como objetivo geral a informação e a reflexão sobre as questões de participação e cidadania na terceira idade.

Com 12 encontros semanais, de duas horas cada, o curso tem atraído idosos que realizam atividades voluntárias fora do programa, que participam de outros grupos de terceira idade, ou que estejam envolvidos com atividades assistenciais voltadas para idosos, além daqueles que se inscrevem pela facilidade de vaga no curso, que oferece a cada semestre vinte vagas.

A maioria dos participantes são mulheres, embora o quantitativo de homens seja também significativo, pois chega aos 20% do total de alunos que freqüentam o curso.

A esse respeito, Debert (1994), em seus estudos sobre gênero e envelhecimento, afirma que o público masculino costuma estar mais mobilizado para questões que remetam à luta pelos direitos do cidadão, através da militância nas Associações de Aposentados e Pensionistas, enquanto as mulheres de mais idade são mobilizadas pela luta por mudanças culturais amplas no interior dos programas de terceira idade onde são maioria.

A coordenação do curso é feita por jovens estudantes de serviço social que, a partir da entrada nessa atividade, iniciam processo de repensar estereótipos e mitos da velhice, estabelecendo com os alunos idosos uma relação pedagógica de respeito e valorização do conhecimento do idoso.

O curso tem como objetivos específicos:

- perceber o potencial de participação existente no grupo de idosos, resgatando suas experiências de vida em ações que indiquem a participação;
- propiciar, na vivência do grupo, o exercício do associativismo, como participação social indireta, problematizando questões de terceira idade

Ao longo dos encontros, desenvolvemos o programa do curso em três módulos que se articulam, discutindo a participação do idoso nas ações cotidianas, junto à família ou em outros grupos de interesse; a participação do idoso na sociedade, destacando a participação política, pelo voto e nos movimentos de aposentados e pensionistas, como também questões de direitos sociais, a partir das diretrizes da Política Nacional do Idoso. Finalizamos o curso realizando visitas aos recursos sociais existentes para a terceira idade, privilegiando aqueles do setor público nas áreas da saúde, organização social e cultura, ou visitando instituições asilares filantrópicas que têm parceria com a UnATI através do programa de voluntariado.

A grupalização como estratégia para que o idoso desenvolva a sociabilidade e o associativismo tem sido privilegiada no encaminhamento do conteúdo programático do curso. Essa prática tem propiciado o exercício da escuta do outro, como também a percepção de questões comuns à vivência como idosos e a reflexão dessas questões com vistas a uma ação participativa dos idosos.

Nossa metodologia de trabalho é encaminhada do seguinte modo: os temas de cada módulo são desenvolvidos com o auxílio de técnicas de dinâmica de grupo que facilitam o conhecimento e a comunicação entre os participantes, além da leitura de pequenos textos, ou de pesquisas em jornais e revistas sobre os temas em discussão. Outro recurso é a confecção de cartazes temáticos. A discussão inicial é feita em pequenos grupos na intenção de que problematizem o tema do dia chegando às conclusões iniciais daquele grupo. Num segundo momento, a coordenadora da atividade solicita que as conclusões iniciais sejam socializadas em reunião conjunta com todos os presentes para que haja um tempo de discussão e



amadurecimento do tema em questão, complementando a discussão com informações relevantes sobre o mesmo. Como recurso de avaliação, a coordenadora propõe a confecção de um álbum seriado quando do fechamento de cada módulo. Também realizamos avaliações ao longo do processo de desenvolvimento dos módulos, acatando as sugestões dos alunos.

O desenvolvimento do processo grupal inicia com o levantamento das expectativas dos alunos quanto ao curso. Neste momento, identificamos que são as mesmas que têm em relação à UnATI. Os motivos de inserção no curso estão relacionados à necessidade de adquirir novos conhecimentos e aprender sobre a participação social, ao mesmo tempo em que querem fazer novas amizades. As mulheres, em geral, declaram ter uma grande participação na família, relevando a importância de terem boas relações com filhos, noras e netos e, quando casadas, querem um marido mais companheiro e parceiro. Os homens no tema da família são pouco participantes, mas muitos aproveitam o momento para rever seu papel de provedores que os afastava do convívio dos filhos, pouco opinando na sua educação entendida como função da esposa.

No segundo módulo, que diz respeito à participação na sociedade, quando tematizamos a participação política dos idosos, é comum termos relatos de alguns homens que, engajados em movimentos sociais, costumam contribuir mais do que as mulheres, embora as mulheres dessa geração declarem a importância de estarem acompanhando esses processos, principalmente não abrindo mão do direito de voto, conquistado a duras penas por mulheres engajadas nesta luta, na primeira metade desse século em nosso país. Outro dado relevante, comum nas falas dos idosos, é o desencanto com a nossa política partidária, embora já comecem a ter ciência da força política que pode vir a ter o voto dos idosos em nosso país.

Nas visitas que realizam para o conhecimento dos recursos sociais existentes em nossa cidade voltados para a população idosa, costumam interessar-se pelo acesso aos serviços de saúde pública e pelos asilos de idosos onde se deparam com uma outra face da velhice em nosso país. Muitos, a partir desse contato, se engajam nos projetos voluntários da UnATI.

A postura da coordenação do curso, que conta também com o auxílio de uma relatora, além das supervisões semanais para planejamento e acompanhamento da atividade pela professora coordenadora do projeto de extensão, tem sido de abertura para a escuta das vivências dos idosos, levando-os, a partir da inserção de novas informações, a um processo de reflexão sobre os caminhos para o acesso aos direitos sociais.

Empreendendo a avaliação do curso, os participantes ressaltaram a importância de terem como coordenadores jovens universitários, enfatizando o intercâmbio geracional, demonstrando que é possível esse convívio na medida em que os dois segmentos desenvolvem relação de respeito e de aprendizado conjunto. Tem sido comum, ao final do curso, a realização, pelos alunos, de uma festa de confraternização onde avaliam essa experiência grupal, fotografando um momento de integração do grupo com as jovens coordenadoras.

É interessante percebermos que após a participação dos alunos neste curso, eles voltam a nos procurar interessados em dar continuidade as suas reflexões. Muitos relatam, principalmente as mulheres, que voltaram a ter contato com o mundo, através da escuta de noticiários, do convívio com outros idosos, melhorando nas relações familiares, pois que demonstram envolvimento com as questões atuais de nossa sociedade.

A esse respeito Motta (1996), em pesquisa realizada com idosos de ambos os sexos e de diferentes classes sociais, que freqüentavam grupos com atividades de ensino, lazer e convivência na cidade de Salvador, observou que sendo as mulheres maioria quase absoluta, elas apresentavam características semelhantes bastante conhecidas de outros estudos, mas que, principalmente, explicitavam vivências de uma determinada geração. Essas mulheres demonstravam estar menos resignadas à "velhice" como definida no modelo tradicional, associada à inatividade e ao descarte social, ao mesmo tempo que dispunham de um tempo pessoal/privado que podia ser trasladado do doméstico para o comunitário ou cultural.

Constatamos que a reflexão do tema participação social e cidadania tem aberto novos horizontes para os idosos que freqüentam essa atividade, pois permite maior acesso às informações sobre as questões de terceira idade, bem como a descoberta de novas potencialidades, inclusive de seu potencial político.

6. Considerações Finais

Diante das adversidades que vivemos em nosso país que tem tido crescimento acelerado da população idosa, precisamos unir esforços com outros profissionais que tenham um compromisso com a causa do idoso em termos de melhorias nas suas condições de vida, para que o idoso brasileiro não seja visto como mais um “problema social”, mas sim como sujeito que tem capacidade produtiva, a fim de que, através da solidariedade entre as gerações, tenha garantia de acesso aos seus direitos sociais e poder de decisão sobre as questões que lhe dizem respeito.

Para isto é preciso que nós profissionais percebamos os espaços dos programas de terceira idade como potencializadores da construção da cidadania do idoso, o que, a nosso ver, também irá contribuir para a consolidação de uma representação mais positiva da velhice em nossa sociedade.

Ao longo desse tempo em que estamos em contato com as mulheres idosas que freqüentam as atividades de nosso projeto também estamos repensando nossas representações a respeito dos processos de envelhecimento relatados por elas ao mesmo tempo em que amadurecemos nossa proposta de trabalho, buscando subsídios nas discussões de gênero e geração.

Como pudemos perceber, essas mulheres estão dispostas a rever valores e atitudes cristalizados em nossa sociedade a respeito de seu papel como mulheres idosas e estão se lançando em novos aprendizados nas atividades oferecidas nesse programa de universidade de terceira idade que lhes informa sobre novos modos de envelhecer.

Nos grupos descobrem interesses que são comuns a outras mulheres de sua geração que também buscam romper com o signo da velhice passiva aderindo à proposta de viver a terceira idade como um tempo de liberdade e de realizações.

O contato intergeracional das mulheres idosas com outras mulheres, coordenadoras de cursos ou com as jovens estudantes universitárias, tem propiciado novos olhares a respeito das reais possibilidades desse segmento que envelhece de forma ativa. As gerações mais jovens começam a rever suas concepções sobre a velhice, ajudando nesse processo de construção de uma imagem cidadã da ~~terceira idade~~.

NOTAS

- ¹ Professora da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Gerente de Ensino da Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI-UERJ). Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora do PEGGE (Programa de Estudos de Gênero, Geração e Etnia da Faculdade de Serviço Social da UERJ). Membro Suplente do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa do Estado do Rio de Janeiro (CEDEPI).
- ² Instituto Félix Pacheco: órgão responsável pela emissão de documentos de identidade
- ³ O referido projeto de extensão se intitula; "Atenção aos Idosos e Assessoria aos Profissionais nas Questões de Participação Social e Cidadania na Terceira Idade" e foi iniciado na UnATI em agosto de 1993, abrindo campo de estágio, de extensão e, mais recentemente, de pesquisa para os alunos da Faculdade de Serviço Social da UERJ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMMANN, S.B. *Participação Social*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979

BOFF, L. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 28^a ed., 1999.

BRASIL. Política Nacional do Idoso, Lei no.8842, jan. 1994.

DEBERT, G.G. Gênero e Envelhecimento. *Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: UFRJ, v.2, n.º.3, p.3-51, 1994.

____. As Representações (estereótipos) do Papel do Idoso na Sociedade Atual. *Anais do 1.º Seminário Internacional Envelhecimento Populacional*. Brasília, MPAS, Secretaria de Assistência Social, p.35 – 45, 1996.

FRUTUOSO, D.L.F. *A terceira idade na universidade: estudo do campo de representação*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação/ UFRJ, 1996 (datilografado)

GOLDMAN, S.N. *Universidade Para a Terceira Idade: Uma lição de cidadania*. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Serviço Social / PUC/SP, 1999 (mimeo).

HEILBORN, M.L. Gênero, Sexualidade e Saúde. In: *Saúde, sexualidade e reprodução: compartilhando responsabilidades*. Rio de Janeiro: UERJ, p. 101-110, Setembro de 1996

MAGALHÃES, D.N. *A Invenção Social da Velhice*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1987

MOTTA, A. B. da. *Terceira Idade - Gênero, Classe Social e Moda Teórica*. XX Encontro Anual da ANPOCS. Minas Gerais, Caxambu, Outubro de 1996

NUNES, A. T. G. L. *Atenção aos Idosos da UnATI nas questões de participação Social e cidadania na Terceira Idade*. Projeto de Extensão Rio de Janeiro: Faculdade de Serviço Social / UERJ, Agosto de 1993 (mimeo).



____. A experiência do serviço Social com Mulheres Idosas num Programa de Universidade de Terceira idade. Tese. IX Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. Goiânia / Goiás, v. I, p 357-359, Julho de 1998

____. O trabalho do Serviço Social na Universidade Aberta da Terceira Idade da UERJ. *Superando Desafios*. Cadernos do Serviço Social do Hospital Universitário Pedro Ernesto, Rio de Janeiro: UERJ /HUPE/ SERVIÇO SOCIAL, Ano 3, nº3, p.17-29, NOV./98

NUNES, A.T.G.L. e PEIXOTO, C. Perfil dos Alunos da Universidade Aberta da Terceira Idade. *Relatório de Pesquisa*. Rio de Janeiro: Faculdade de Serviço Social / UERJ, 1994 (mimeo).

PALMA, L.T.S. *Educação permanente e qualidade de vida: indicativos para uma velhice bem - sucedida*. Passo Fundo: UPF Editora, 2000.

QUEIROZ, Z.P.V. Participação Popular na velhice: possibilidade real ou mera utopia? *Revista O mundo da Saúde*, ano 23, v.23, nº 4, p.204 – 213, jul./ago. 1999.

SÁ, J.L.M.de. Da Universidade da Terceira Idade para a Comunidade: Educação Popular X Educação Acadêmica. *Cadernos de Serviço Social*, Edição especial: PUC/ Campinas, Ano VIII, p.12-39, 1998.

SANT'ANNA, M. J. UnATI: A Velhice que se aprende na escola, um perfil de seus usuários. In: VERAS, R. (org.). *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará – UERJ - UnATI, p. 75-102, 1995.

VERAS, R. P. e CAMARGO Jr., K. Idosos e universidade: parceria para qualidade de vida. In: Veras, R. (org.) *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará - UnATI - UERJ 1995, p. 11-27

**SOCIAL SERVICE AND UNIVERSITY OF THE THIRD AGE: A
PROPOSAL OF SOCIAL PARTICIPATION AND CITIZENSHIP
FOR THE AGED PEOPLE**

ABSTRACT

In this article we will present a proposal of work from the Social Service of UnATI-UERJ from actions that we have developed in an extension project which theme axis are subjects of social participation and citizenship in the old age. This project's staff, under our coordination, is composed of young students from the social service course, of Social Service College of UERJ. By these seven years we have been offering free courses in the theme area of Informative and Formative Activities to the aged students of the program. The interested students in these courses, most of them elderly women, show interest in discussing subjects of their aging process, at the same time in which they are willing to know their social rights and have a more active participation in the program. This new way of living the old age has made possible to these segments to review stereotypes and myths, which are present in our society, resulting in a negative representation of the old age. However, the obtained results, up to this moment, have revealed that the aged who frequent these activities show interest in rebuilding their image as old aged citizens, fighting for the guarantee of implementation of their social rights.

Keywords: consumer participation, age, education continuing, social work.



UnATI
UERJ

